

A ética cristã no Novo Testamento
Ideologia e afetividade na relação
professor-aluno

Carne de rato é alimento

Capitalistas defendem a ética

Ética e vida social contemporânea

O Reino é dos excluídos

Como (não) educar um assassino
dentro de casa

Em defesa da cidadania

De repente, ao entardecer

A vida contemplativa

Pobreza e indigência

27

fato
e razão

fato e razão

MFC
40
Anos

Recado ao leitor

Chega às suas mãos mais um número da sua revista. Esperamos que as matérias selecionadas agradem e questionem, libertem e incomodem, porque é assim que crescemos, caro leitor.

Procuramos, desta vez, incluir alguns artigos que nos ajudem a compreender os mais candentes temas da atual pauta política em nosso país: a reforma agrária, a lei de patentes, os modelos econômicos que se entrecrocaram, a questão do desemprego, a crise do sonho socialista e a vinculação social dos impostos.

Outras matérias vão revelando a identidade do MFC e trazem aos leitores uma visão mais clara do que ele propõe, com base no que se produziu no seu inesquecível XII Encontro Nacional.

Leia também, caro leitor, a delicada liturgia para a celebração do casamento que este número lhe oferece.

Depois de tudo, escreva aos editores, contribuindo com suas sugestões, comentários e críticas para o aperfeiçoamento da sua revista.

S. & H.A.

Edição
Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional
Márcio e Valeria Leite
José Newton e Ariadne Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyro e Mariana Miranda
Márcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Armando e Irmgard Grando
Irde T. e Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Cleudson Halare
Isabelle Vasconcelos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação
José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria
IBRAF - Instituto Brasileiro da Família

Capa
Composição gráfica sobre obra de Inez Soares
Da "Série Caras"
Óleo sobre Eucatex

Distribuição e Correspondência
Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160-031 Belo Horizonte MG

Sumário

Democracia na terra.....2
A vida, não!4
A opção pelos pobres7
Desesperar...jamais!12
A mão invisível x a mão visível14
A reforma da esquerda17
A conspiração do silêncio20
Ecologia mundialização espiritualidade 22
Caminhe nos passos dos pés.....27
A doença sem cura39
MFC - 40 anos.....42
XII Encontro Nacional do MFC44
Tendência do Encontro em dez eixos.46
Solda ou liga52
Mosaico de problemas54
Para uma possível reflexão.....56
Celebração do amor e da vida64
Não matarás68
As Igrejas e as classes médias73

Democracia na terra

Herbert de Souza (Betinho)
Articulador Nacional da Ação da Cidadania

Um dia a vida surgiu na terra. A terra tinha com a vida um cordão umbilical. A vida é a terra. A terra era grande e a vida pequena. Inicial!

A vida foi crescendo e a terra ficando menor, não pequena. Cercada, a terra virou coisa de alguém, não de todos, não comum. Virou a sorte de alguns e a desgraça de tantos. Na história foi tema de revoltas, revoluções, transformações. A terra e a cerca. A terra e o grande proprietário. A terra e o sem terra. E a morte.

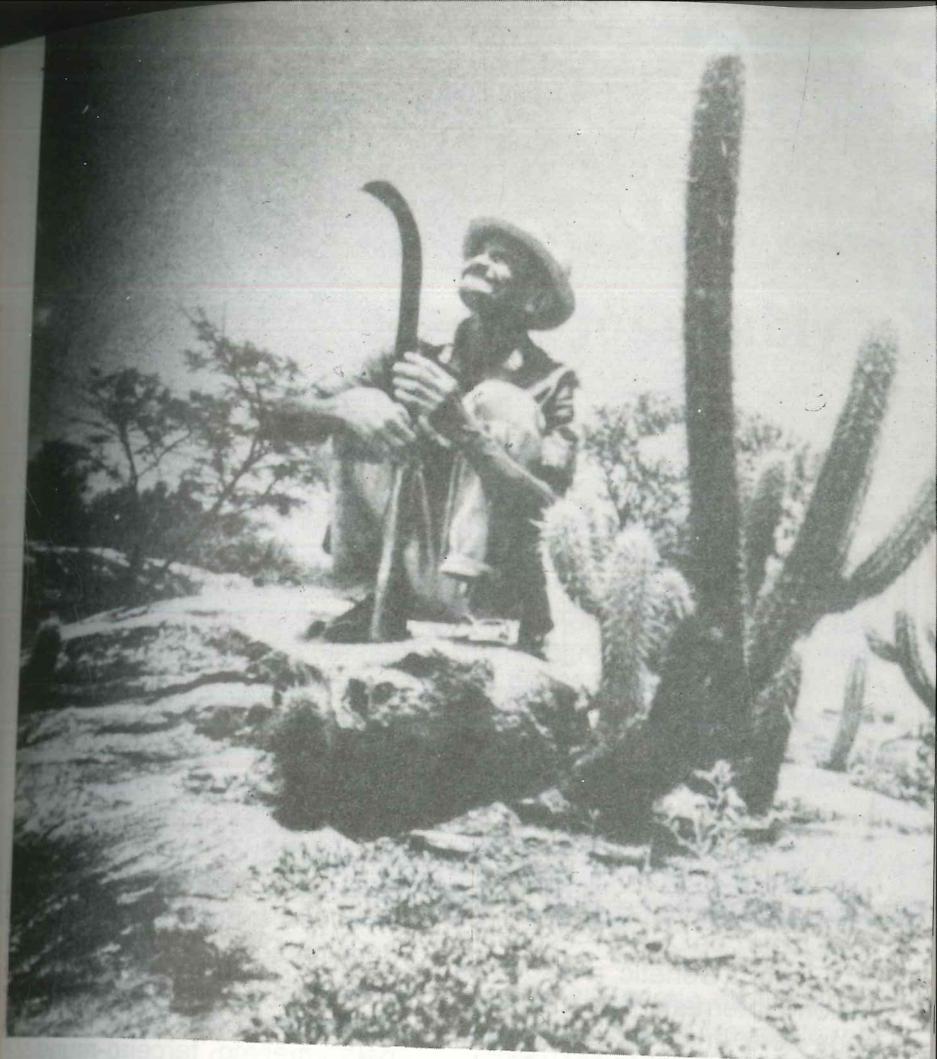
Muitas reformas se fizeram para dividir a terra, para tomá-la de muitos e, quem sabe, até de todas as pessoas. Mas isso não aconteceu em todos os lugares. A democracia esbarrou na cerca e se feriu nos seus arames farpados. O mundo está evidentemente atrasado. Onde se faz a reforma o progresso chegou. Mas a verdade é que até agora a cerca venceu, o que nasceu para todas as pessoas, em poucas não ainda está.

No Brasil a terra, também cercada, está no centro da história. Os pedaços que foram

democratizados custaram muito sangue, dor e sofrimento. Virou poder de Portugal, dos coronéis dos grandes grupos, virou privilégio, poder político, base de exclusão, força de apartheid. Nas cidades virou mansões e favelas. Virou absurdo sem limites, tabu.

Mas é tanta, é tão grande, tão produtiva que a cerca trem, os limites se rompem, a história muda e ao longo do tempo o momento chega para pensar diferente: a terra é bem planetária, não pode ser privilégio de ninguém, é bem social e não privado, é patrimônio da humanidade e não arma do egoísmo particular de ninguém. É para produzir, gerar alimentos, empregos, viver. É bem de todos para todos. Esse é o único destino possível para a terra.

Afirmam isto os que desejam mudar a terra, querem democratizar a terra, querem democracia na terra. Mas não nesse século. Já se esperou demais. A democracia não tem condição de cidadania. Esta é uma tarefa fundamental da Ação da Cidadania.



Que o Presidente execute essa reforma. Que o Congresso legisle pela reforma. Que os governadores participem dessa mudança. E que a sociedade

seja o verdadeiro ator dessa nova peça para mudar a face da terra.

A partir daí a vida na terra será melhor.

@ Qual a relação entre reforma agrária e os problemas sociais do desemprego, do êxodo rural para as cidades, da fome, dos cinturões de miséria das grandes cidades, da violência crescente no campo e outros?

@ Como imaginamos será a vida dos sem-terra durante meses e anos nos acampamentos improvisados de beira-de-estrada? Conhecemos algum? Temos condições de prestar alguma ajuda?

@ Vemos alguma solução para o problema da terra no nosso país?

A vida, não!

Leio a informação em revistas européias da maior seriedade: líderes de oitenta a noventa igrejas e/ou grupos religiosos norte-americanos expressaram clara oposição à concessão de patentes sobre genes animais e humanos, células, órgãos e embriões engenheirados, isto é, modificados mediante sofisticados processos biotecnológicos. Quase contemporaneamente, tomo conhecimento, através de uma nota da ONG espanhola Grain (Genetic Resources Action International), de que, após sete anos de discussões, no dia 1º de março de 1995, o Parlamento europeu, em decisão histórica, derrubou o decreto sobre "a proteção legal às invenções biotecnológicas", proposto pela União Européia.

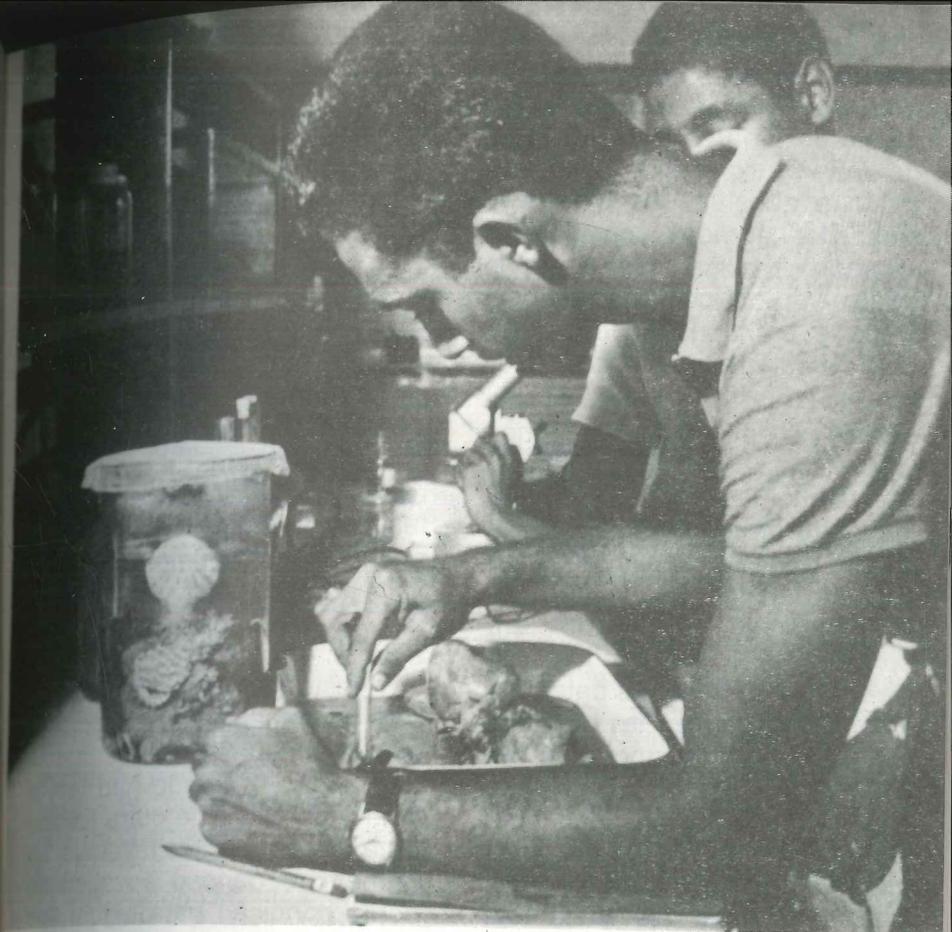
Essas duas tomadas de posição, convergentes embora vindas de dois horizontes tão diversos, já indica a complexidade do problema.

Se a Igreja Católica se pronuncia sobre ele, como já fez

Dom Lucas Moreira Neves
Cardeal-Primaz do Brasil e presidente da CNBB

a precedente presidência da CNBB e eu mesmo o fiz como pastor, mais de uma vez, porque na questão da "lei de patentes" existe uma inegável dimensão ético-moral e religiosa, que não pode ser desdenhada. O Parlamento de Estrasburgo olhou mais o aspecto político. Mas há outros aspectos, desde o semântico, uma clara distinção que há entre *invenção* e *descoberta* e o verdadeiro conceito de microorganismo) até o de direito internacional (o direito que tem um país, mesmo terceiro-mundista e pobre, de tutelar a própria biodiversidade e de poder usá-la para os seus próprios interesses, e não premido por formas neocolonialistas em benefício de outros países).

Acabo de ferir dois dos mais agudos temas ligados à questão da propriedade industrial e conseqüente legislação sobre direito e os limites do direito de patenteamento.



Não é nada desprezível, antes, pode ter inquietantes conseqüências, a diferença entre *invenção* e *descoberta*. É justo e natural, sobretudo em uma cultura como a nossa, na qual têm grande relevo a indústria e as relações industriais, promover e defender os direitos da invenção. É justo coibir qualquer tipo de "pirataria" industrial. Receio, porém, que, pronunciada por um Estado contra outro, esta se torne uma palavra mágica, destinada a legitimar toda sorte de pressões em favor de uma "proteção da propriedade

industrial!" votada no Congresso a todo o vapor. Acrescento, com muita convicção, que, contra a "pirataria", vale proteger as invenções, obra do engenho, arte e criatividade humanos. Mas não vale chamar invenção a simples descoberta de algumas forças e leis da natureza, instrumentalizadas pelo homem e, conseqüentemente, colocadas a serviço de interesses comerciais de pessoas ou grupos.

A distinção entre *invenção* e *descoberta* tem conseqüências que transcendem a simples

questão legal. Está em jogo a questão da vida, recentemente objeto de uma notável encíclica de João Paulo II apta a iluminar muito a questão das patentes. Respeitar a vida; considerá-la sagrada, a coisa mais sagrada abaixo do único Absoluto de Deus e em conexão com ele; não manipular a vida nem mesmo sob o pretexto da ciência e do progresso tecnológico não é uma atitude simplesmente de fé religiosa - é um dado profundamente humano por tratar-se de um altíssimo valor humano. Isto deve ser compreendido e levado em consideração em todos os níveis ligados à lei das patentes. Compreendido e levado em consideração, de modo especial, pelo Congresso Nacional chamado a fazer leis - leis com conteúdo, não só legal, mas ético e moral - sobre uma matéria de tanta relevância. Isto é tanto mais importante porquanto estão em jogo nobres interesses nacionais e até supranacionais. Está em jogo a pessoa humana.

Os líderes religiosos de que falei acima, muito diversos entre eles, desde os mais "liberais" (sem excluir os que até caíram em um certo agnosticismo) até os mais "conservadores", contando também judeus, muçulmanos e budistas, assestam suas interpelações e contestações contra o "Escritório de Patentes", o qual - diz o comunicado - "ao reduzir todas as formas de vida à categoria de

Não há patente possível para animais e vegetais, para genes e embriões.

invenções humanas de fato desafia a antiga e perene crença de que a vida é criação de Deus". E mais: "Se se permite aos cientistas e aos laboratórios biotecnológicos patentear toda forma de vida, isto resultará no triunfo final dos valores mercadológicos sobre os valores do espírito, da razão e da fé."

Neste terreno de extrema delicadeza algumas coisas devem ficar claras:

- que um Estado não tem o direito de exigir de outro Estado uma lei de patentes favorável ao primeiro e danoso ao segundo como condição para algum tipo de ajuda;

- os inventos biotecnológicos devem ser objeto de uma lei própria que tenha em conta o caráter especial da "matéria" do invento;

- não há patente possível para animais e vegetais, para genes e embriões;

- patentes para organismos supõem uma reta definição dos mesmos;

- a *pipeline* tal como é entendida e proposta hoje é fortemente indiscutível para não dizer inaceitável;

- em suma: podem patentear muitas coisas - a vida, não!

A opção pelos pobres: uma análise teológica

José Maria Vigil
Teólogo

Distinguir os níveis

Uma primeira distinção: um é o nível dos princípios e outro é o nível de suas mediações. Os princípios, os imperativos éticos, teológicos e até teologias, estão num plano; e em outro estão suas mediações, quer dizer, as estratégias, as táticas, as fórmulas ideológicas que podem concretizar historicamente aqueles grandes princípios em cada hora, as possibilidades reais que cada conjuntura oferece ou proíbe.

Por exemplo, falemos da opção pelos pobres (OP). Sua mais funda essência não é estratégica nem pastoral, nem ser mediação, mas teológica, ou melhor, teologal. A OP é um princípio que já temos claro que pertence essencialmente ao mais fundo do cristianismo porque pertence ao mais fundo do ser de Deus. Tem fundamento teologal, mais que teológico, e é permanente, está acima das horas históricas, e das possibilidades ou dos impasses.

Tudo isto não impede que numa hora histórica concreta uma determinada forma de pôr em prática a OP, que como im-

perativo teologal se mantém imperturbavelmente "firme e irrevogável", se faça (ou a façam) inviável. A OP está além e mais dentro de suas mediações.

Provoca em mim um sorriso ler que Napoleón Chow (jurista, economista e sociólogo nicaraguense, que incursiona agora no campo da teologia) me atribua haver sido o primeiro em ter feito esta distinção. Não me cabe esta honra. Afortunadamente esta é uma convicção que sempre esteve clara na teologia da libertação, ainda que a hora atual nos faça mais conscientes das necessidades de sua utilização.

Os cristãos comprometidos com os pobres, e a teologia da libertação, não fizeram uma opção "teologal" pelo socialismo, nem por nenhuma ideologia política, quer dizer, por nenhuma mediação. Isto não quer dizer que, em nível "estratégico", prático, de mediação, os cristãos, para não ficarem na ineficácia dos princípios eternamente teóricos, não tivessem adotado uma opção prática em nível estratégico em favor da

mediação ideológico-sócio-política que mais adequada creram em cada momento, sem deixar de ter consciência da distinção entre a opção fundamental e suas mediações, e sem elevar a nível teológico, dogmático, ou teologal, o que era e sempre foi para os que se mantiveram claros, uma opção prático-estratégica.

Se a história neste determinado momento, tornar evidente que o socialismo, como fórmula ideológica sócio-política concreta, é inviável, haverá que depor todo esforço em sua implementação histórica; ficaria intacto, porém, - porque está em outro nível - aquilo que dava fundamento e motivos à mediação estratégica adotada, quer dizer, a opção pelo pobres. A mesma opção pelos pobres, "firme e irrevogável", derivará em opções práticas (intermediárias) diversas, segundo a possibilidade ou impossibilidade que cada hora histórica projete sobre estas mediações.

Distinguir os níveis sem todavia separá-los indistintamente

Não basta distinguir; também é preciso não separar indevidamente. Distinguir não implica necessariamente desconectar. Os princípios teológicos, éticos e teologias, por mais que se distingam de suas aplicações em nível das mediações, devem

continuar a ser o que são, "princípios", princípios orientadores das mediações, princípios dos quais emanam imperativos que hão de ser secundados de uma ou de outra maneira.

O contrário é "esquizofrenia teológica", em que estão caindo alguns nesta hora. São por exemplo os que dizem de fato: "sim, a OP continua sendo válida, teologicamente falando, porém na prática o capitalismo triunfou e não haverá saída a não ser entrando em suas regras, porque o povo já se mostrou incapaz de ser sujeito histórico". Esta é uma esquizofrenia teológica: a daqueles que admitem a OP em nível teológico confessando-a contudo inviável em nível de mediações, a daqueles que admitem a OP como uma teoria teológica bela ainda que impraticável.

Distinguir os níveis não implica, dissemos, dissociá-los completamente. Tal dissociação, mais que distinção é destruição daquilo que realmente significavam os dois níveis em sua mútua e fecunda interação.

Se a OP continua a ser "firme e irrevogável" para nós, não podemos nos enganar esvaziando-a de sentido e de eficácia no plano das mediações que todo princípio necessita para converter-se em algo mais do que "flatus vocis" ou pura "idéia vazia". Que a OP continue firme e irrevogável, que lhe reconheçamos estatuto teológico e teologal significa que



reconhecemos como um dos máximos princípios diretores de nossa práxis histórica na hora de escolher as mediações concretas sócio-econômico-políticas com as quais queremos "verificar" precisamente estes nossos máximos princípios que orientam o nosso comportamento histórico e a realização de nossa missão e tarefa cristãs.

A correta distinção (não esquizofrênica) se dá no plano gnosiológico e da linguagem: "sabemos" que a OP teologal e a OP estratégico-tática são níveis distintos da realidade, e não caímos no "bilingüismo" saltando inconscientemente de um plano a outro. A distinção esquizofrênica se engana crendo que respeita a OP em nível teologal,

quando na realidade simplesmente a abandonou no baú dos princípios ineficazes e impraticáveis.

A opção pelos pobres "firme e irrevogável"

Não é este o lugar para desenvolver a fundamentação teológica da OP, queremos todavia destacar a importância que reveste a consolidação de tal fundamentação.

Este é um ponto que, devido a esta falta de clareza a que nos temos referido sobre a distinção entre o nível dos princípios e o das estratégias intermediárias, é importante salientar e proclamar. Porque são muitos os que inconscientemente pensam que

com a crise destes anos teriam caído não somente o socialismo real e a teologia da libertação, mas a própria OP.

Eis aqui uma urgência teológica e pastoral impostergável para superar neste momento esta possível confusão que a muitos interessa dissipar: é urgente continuar a proclamar que, inclusive no caso de que tivessem sido verdade o "final da história" e a "inviabilidade" do povo como sujeito e seu projeto histórico, ainda neste caso se manteria "firme e irrevogável" e inclusive reforçada a OP. Haveria que mudar de mediações e inventar novas fórmulas, porque todas elas são relativas e acidentais, porém continuaria sendo essencial o que é essencial e absoluto: a OP como dimensão que é do Reino de Deus.

É preciso continuar a aprofundar nesta fundamentação teológica da OP. É necessário continuar proclamando-a insistentemente. Foram muitos séculos nos quais predominou a opção contrária para pensarmos que a OP já foi assimilada pela consciência cristã da nossa geração.

É certo que sua força e sua contundência são tais que nem mesmo seus inimigos conseguem safar-se de sua influência. A OP tem tal força que mais pa-

@ A opção pelos pobres está sendo realmente vivenciada pelos cristãos? Temos exemplos que confirmam ou desmentem essa opção?

@ Como estamos nós mesmos fazendo efetiva essa opção evangélica essencial, através de práticas concretas?

A opção pelos pobres continuará sendo essencial e absoluta, como dimensão do Reino de Deus.

rece um axioma evidente do que uma afirmação teológica necessitada de demonstração. É por isso que surge a tentação irresistível como inconsciente - de sua "domesticação" se não é possível opor-se a ela abertamente, cabe, contudo, reinterpretá-la e reduzi-la à medida de nossos desejos. A maior parte das insistências em seu caráter "preferencial", "não exclusiva nem excludente" - vão por aí. Alguns chegam agora ao extremo de afirmar que a OP de Medellin e Puebla havia sido declarada abolida, sendo a proclamada em Santo Domingo uma opção nova e sem conexão com aquela, e que não estaria "ideologizada" como aquela.

Denunciar estes vãos intentos de domesticação, proclamar "oportune et importune" a boa nova da opção pelos pobres dentro e fora da igreja e dentro e fora da teologia, se evidencia como uma tarefa pastoral e teológica (e até ideológica) que fica aqui como urgente e impostergável.

Leia e assine

fato e razão

Uma revista para ler, reler e oferecer aos amigos.



Peça os números que faltam na sua coleção

Encomendas e assinaturas podem ser feitas por carta ou telefone à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059/1109
30160-031 Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 222-5842

Assinatura - 4 números: R\$ 12,00

Número avulso: R\$ 3,00

Números atrasados disponíveis sujeitos a confirmação.

Desesperar...jamais!

Huayna e Eliana Padilha

Olhando o horizonte social do mundo, o que vemos? Capitalismo... capitalismo... capitalismo... Triunfante e poderoso! Aparentemente a utopia socialista está completamente ultrapassada e foi para o ferro-velho da história. Mas, será mesmo verdade?

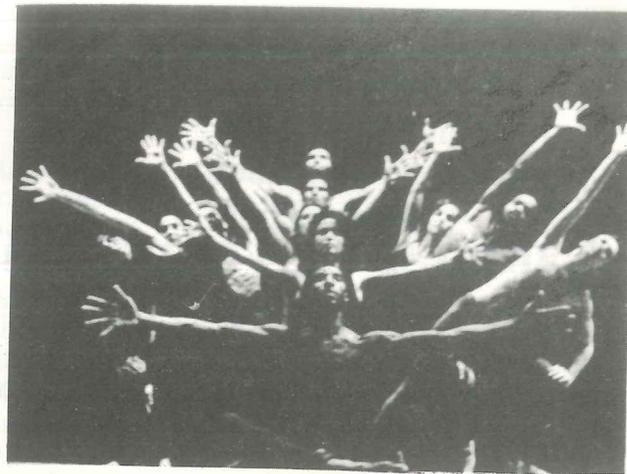
O que, realmente, representou a queda do governo e da estrutura da URSS? O fracasso do socialismo? A destruição da utopia? Creio que não. A queda do regime totalitário e burocratizante da URSS e da Albânia representaram apenas a morte de um filho esquizóide do socialismo. O fim de uma experiência desvirtuada. Um regime que, em certo momento histórico entendeu que poderia impor uma postura socialista pela força a um conjunto de povos recém-emersos do mais puro e brutal feudalismo. Povos que tiveram sua evolução, enquanto sociedade, interrompida brutalmente na tentativa de fazê-los queimar etapas. Sua base evolutiva ficou esmagada por um super-estado, onipresente e onisciente. Sua cultura ficou sepultada por um

internacionalismo artificial, nivelador de pensamento e de expressão.

Mas, de tudo isso, devemos tirar lições. "Quem não consegue aprender com o passado, está fadado a repeti-lo". É o momento de parar e discutir tudo o que está acontecendo. Expurgar o socialismo das seqüelas desta experiência malfadada. Reversões e, talvez, a caminhada natural e histórica dos povos. Deve ser uma opção consciente e responsável que não descarte em nenhum momento, a individualidade das pessoas e sua ampla e livre participação nas decisões que o afetam enquanto nação ou cultura. Um processo educativo onde o homem, posto em sua totalidade, deve ser respeitado.

Da própria contradição do capitalismo, a geração de riquezas concentradas numa pequena classe dominante e o consequente aumento da marginalização, surge a necessidade premente de uma justa participação das pessoas no processo social e político da nação. É inevitável

A utopia não está morta mas, como a borboleta, procura livrar-se do casulo cinzento e feio para assumir a liberdade de grandes asas coloridas que lhe permitem voar e partilhar sua beleza com todos os povos.



que isso ocorra, vez que a situação torna-se explosiva a partir de certo ponto, não restando saída que não a de permitir a participação do povo na produção e na gestão dos negócios públicos. A sociedade tende a se organizar, a princípio informalmente, em seus níveis intermediários, ocupando o vácuo deixado pelo desprezo emanado daqueles que controlam, política e economicamente, a nação.

Essa ocupação de espaço poderá ser feita por meios pacíficos, através de uma legislação mais humana e distributiva de riquezas ou através de uma convulsão social com mudanças bruscas e traumáticas na ordem estabelecida. Para que a primeira hipótese ocorra, é necessário que os que compõem o poder legislativo tenham consciência da necessidade de mudanças na estrutura do Estado, assim como haver

uma conscientização do povo no sentido de eleger princípios e não favores. Utopia? Talvez! O processo passa, obrigatoriamente, pela educação popular, permitindo o acesso a informações de melhor qualidade e, conseqüentemente, desenvolvendo um espírito crítico capaz de discernir entre o que o esmaga e o que o liberta. Isso permitirá que seja elaborada uma linha de pensamento que permita tomar consciência de que ninguém pode estar bem sozinho, enquanto os outros vão cada vez pior.

Portanto, como diz Chico Buarque: "Desesperar... jamais!". A utopia não está morta, mas, como uma borboleta, procura livrar-se do casulo cinzento e feio para assumir a liberdade de grandes asas coloridas que lhe permitam voar e partilhar sua beleza com todos os povos.

@ O fracasso do modelo de socialismo praticado na Europa tem desanimado a busca de um sistema econômico mais humano para o nosso país?

A mão invisível x a mão visível

Frei Cristóvão Pereira, ofm

As teorias neoliberais têm suas bases no pensamento liberal que as antecede, principalmente, na teoria do equilíbrio real elaborada por Walras/Pareto. A constante nestas teorias é a fórmula que se tornou clássica, elaborada por Adam Smith, sobre a "mão invisível" do mercado, senhora das "forças auto-reguladoras" do mercado. E estas forças são estruturalmente automáticas. Não obstante tudo isso, analistas mais argutos advertem para o seguinte: entre o pensamento liberal e o neoliberal há uma diferença de fundo.

Os pensadores liberais acreditam nas forças auto-reguladoras a "mão invisível", porém, as *relativizam*. Estão convencidos de que é preciso complementá-las por intervenções no mercado. Não chegam a totalizar o mercado, embora o vejam como o centro da sociedade, aceitam que é preciso empreender atividades corretivas para manter o mercado dentro de limites. Seria, em princípio, o Estado e,

em grau mais avançado de consubstancialização dos canais democráticos, seria a Sociedade Civil em diversas e variadas concretizações (associações, sindicatos, partidos políticos entre tantas outras).

Dentro desta ótica o mercado não seria e nem é uma "societas perfecta". Os pensadores do capitalismo intervencionista e reformista, os gurus da "sociedade do bem-estar" (anos 50-60), são pensadores liberais e entre eles se destaca Lord Keynes, muito conhecido e divulgado entre nós.

Keynes é defensor de uma "mão visível" ao lado da "mão invisível". Esta é uma tese do pensamento econômico liberal.

Qual é a ótica dos neoliberais? Onde está esta diferença de fundo? É que seus adeptos totalizam o mercado. Ele seria como que uma "societas perfecta", portanto, intocável em sua estruturação interna. Toda e qualquer política econômica restringiria apenas na aplicação de técnicas de mercado. O lema

central se poderia resumir assim: "Para as falhas do mercado, mais mercado! As falhas nunca são do mercado como tal, e sim resultado de distorções que o mercado está sofrendo. As crises de exclusão e do meio ambiente, portanto, não são resultado de uma falha do mercado, mas surgem do fato de que o mercado não foi ainda suficientemente totalizado e mundializado. Para as falhas da tecnologia, mais tecnologia" (vide Hinkelammert, Franz, "O Cativo da Utopia", REB 216-1994, Editora Vozes, Petrópolis). Se há problemas concretos de exclusão da população e da destruição da natureza, tudo isso é visto e considerado como distorções sofridas pelo mercado. O mercado não foi devidamente respeitado.

Se há desemprego é porque não se implantou ainda a política do pleno emprego; se há miséria é por causa dos sindicatos e do salário mínimo; se há destruição do meio ambiente é a insuficiente privatização dos recursos naturais que leva a

Liberais e neoliberais divergem quanto à capacidade auto-reguladora do mercado, a "mão invisível".

isso.

É interessante observar que a política subjacente dos centros financeiros mundiais vão nesta direção. Os problemas mundiais só serão superados quando se chegar à "economia global", à "mundialização dos mercados".

Reagan usou muitas vezes em suas campanhas eleitorais o slogan: "Não há problema com o Estado; o Estado é o problema". Hayek, economista austríaco defendendo este princípio, apela para uma mística que o sustenta, a mística de "última batalha": "A última batalha contra o poder arbitrário está diante de nós. É a luta contra o socialismo, a luta para abolir todo poder coercitivo que pretenda dirigir os esforços indi-



viduais e distribuir deliberadamente os seus resultados" (Hinkelament, Franz, idem).

E, então, fico pensando no governo atual, no presidente e em sua equipe, de preferência, a equipe econômica. Que miscelânea!

São neoliberais-liberais ou liberais-neoliberais? A prática, até o presente momento, tem mostrado que são mais liberais do que neoliberais, mas que fazem do liberalismo mediação para se chegar ao neoliberalismo. É questão de tempo. Fala-se em reforma da legislação eleitoral, vitoriosa na Comissão de Justiça, que possibilitará a reeleição. De fato, 4 anos é tempo por demais limitado para se conseguir as reformas necessárias. Mas, no fundo, é questão de tempo. Estamos em fase de transição. Deve-se evitar todo e qualquer acidente de percurso. Daí o peso da "mão visível" sobre a "mão invisível". No futuro acabará predominando esta sobre aquela. Para isto devemos entrar no processo da "mundialização dos mercados". Esta é a política recomendada ou melhor dizendo, imposta pelos nossos credores! No mais é ter fé, questionar, criticar!

@ Fica clara neste artigo a diferença de propostas entre liberais e neoliberais?

@ Quais as diferenças básicas entre socialismo, social-democracia, liberalismo e neoliberalismo?



Efeito fatal

Nos países desenvolvidos, de cada 1 000 fumantes na faixa dos 20 anos...

- 4 morrerão assassinados
- 12 morrerão em acidentes automobilísticos
- 250 morrerão, entre 35 e 69 anos, por doenças relacionadas ao tabaco
- 250 morrerão, depois dos 70 anos, por doenças relacionadas ao tabaco

Indústria do fumo usa química para criar vício

OS NÚMEROS

- No Brasil há 30 milhões de fumantes.
- 100 mil pessoas morrem por ano no Brasil por causa do fumo.
- O cigarro mata 3 milhões de pessoas por ano no mundo.
- 30% das mortes de câncer no Brasil são causadas pelo fumo.
- O cigarro é reponsável por 45% das mortes por doenças cardiovasculares no Brasil.
- Há 2,7 milhões de menores fumantes no Brasil, sendo 38 mil com menos de 7 anos.

A reforma da esquerda

José Genoíno
Deputado Federal

Não há dúvida de que alguns partidos e frentes de esquerda vêm ocupando espaços políticos relevantes em vários países da América Latina. Destaque-se o PRD no México, a Frente que protagonizou as eleições contra Menem na Argentina e o PT no Brasil. Em que pesem o crescimento eleitoral e a influência social desses e de outros partidos de esquerda, não se pode negar também que todos vivem crises, diferenciadas, é verdade, e que podem ter chegado ao ápice se não souberem dar respostas aos desafios que a região enfrenta.

No caso da esquerda brasileira, e particularmente do PT, a crise é evidente. Ela está encadeada a duas derrotas importantes, a da eleição presidencial e a da reforma da Ordem Econômica. A primeira constatação que é preciso ser feita é que a esquerda perdeu a bandeira das reformas. Isto ficou evidente em vários eventos da disputa política recente.

No plebiscito sobre sistema de governo, optou-se pelo presidencialismo quando somente o parlamentarismo representava uma perspectiva reformadora das instituições políticas do país. Posteriormente, no processo da revisão constitucional em 1994, a esquerda decidiu formar o movimento batizado de "os contras", posicionando-se radicalmente contra a participação na revisão, que, depois, terminou sendo abortada pela própria direita. E, por fim, na reforma constitucional, ora em curso, optou-se por não apresentar emendas na reforma da Ordem Econômica. Opção que resultou numa grave derrota para toda a esquerda.

As opções da esquerda tiveram como pressuposto a estratégia de que era possível chegar à presidência da República, seja através de Lula ou de Brizola, e promover as transformações a partir do Poder Executivo sem levar muito em conta a necessidade

dé aglutinar forças políticas e de agir mediadamente através das instituições, do Congresso, dos partidos políticos e da sociedade civil. No momento em que a esquerda decidiu posicionar-se contra a revisão constitucional em 94, não levou em consideração que aquele momento lhe era favorável. A esquerda vinha de uma vitória no processo de *impeachment*, a direita estava desmoralizada pela CPI do Orçamento, não existiam condições políticas para formação de um bloco entre direita e centro-esquerda e o governo Itamar tinha um perfil de transição e, portanto, sem condições de comandar uma grande maioria, como tem hoje FHC.

O fato é que a vitória de FHC, tal como ela se deu, e as derrotas de Lula e Brizola da forma em que ocorreram representaram um enfraquecimento da esquerda no cenário político nacional, embora alguns números possam indicar o contrário. Esta derrota foi ampliada pela opção de isolamento que a esquerda se impôs no processo da reforma constitucional. Isolamento que não foi apenas no Congresso, mas também na sociedade que, majoritariamente, quer reformas. Já argumentei em várias ocasiões que a opção mais correta da esquerda consistia em apresentar emendas para polarizar com as propostas do governo.

O resultado das opções políticas feitas pela esquerda, pelo centro e pela direita levou a

Cabe à esquerda protagonizar políticas de modernização com face social e civilizatória, não renunciando à sua responsabilidade.

que o governo FHC fosse hegemônico pela direita e que se montasse uma hegemonia sufocante no Congresso, comandada pelo PFL. Os setores descontentes de centro-esquerda ficaram sem opções. Diante deste quadro, a esquerda (principalmente o PT) precisa reformular suas premissas políticas, tanto no que diz respeito ao conteúdo programático como no que se refere às alianças. Neste momento de defensiva, a esquerda deve evitar a adoção de uma postura sectária, ressentida e isolacionista, o que poderá trazer imensos prejuízos nas eleições municipais de 96 e facilitar os caminhos do PFL para suceder Fernando Henrique.

Para concluir, quero apenas indicar alguns pontos de uma agenda, que nós da esquerda precisamos abordar para melhor posicionar-nos em relação ao momento histórico: 1) resgatar a bandeira das reformas, hoje empalmada pela direita, apresentando alternativas aos problemas do presente; 2) assumir a ação política na democracia representativa com todas as suas conseqüências, visando aprofundar o seu conteúdo

a democratização da vida social e econômica; 3) levar em conta a existência da opinião pública e não apenas as parcelas organizadas da sociedade e desenvolver políticas para as maiorias sociais, principalmente visando à integração dos excluídos e à distribuição de renda; 4) considerar que a estabilidade econômica se erigiu num valor muito forte no Brasil e na América Latina, região massacrada pelos processos inflacionários, e capacitar-se para dar respostas a essa exigência social; 5) adotar a tese da reforma do Estado como necessária para superar o seu anacronismo e ineficiência e redefinir sua função social; 6) assumir o fenômeno da globalização como um dado objetivo e disputar os seus rumos; 7) desenvolver uma estratégia processual, pluralista e aliancista na abordagem do poder e nas disputas eleitorais.

@ Que nos parecem as propostas lembradas neste artigo? Que outras propostas poderíamos lembrar?

@ O que podemos fazer para que as nossas propostas sejam consideradas?

Negociação salarial

"Há o perigo de uma recessão, os juros estão nos matando, se aumentarem muito os custos eu fecho a empresa e vou viver do dinheiro aplicado (coisa que você não pode fazer), há desemprego e está assim de gente querendo o seu emprego por qualquer dinheiro, o governo claramente não está do seu lado e o sindicato da sua categoria não pode mais ajudá-lo... Mas esqueça disso tudo. Quanto você quer ganhar?" (Luiz Fernando Veríssimo).

A conspiração do silêncio

Equipe de Redação

Há certamente uma cumplicidade orquestrada. Os meios de comunicação sonégam informações sobre temas incômodos ou as reduzem a discretos registros que passam despercebidos.

Por exemplo: realizou-se neste ano uma retumbante reunião mundial promovida pelas Nações Unidas para discutir o desenvolvimento social no mundo. Presidentes e Primeiros-Ministros de mais de cem países e 20 mil participantes do mundo inteiro se encontram em Copenhague e essa multidão concluiu que "mais grave que a fome dos pobres é a inconsciência dos ricos". O encontro mostrou que o atual modelo de desenvolvimento econômico e tecnológico tem uma face perversa representada pela pobreza, o desemprego e a marginalização.

Mais de 1 bilhão de pessoas no mundo vivem na miséria e o desemprego já atingiu 30% da população ativa. Cresce a quantidade de migrantes, sem teto e crianças de rua. E esse quadro

não é privilégio dos países subdesenvolvidos. Nos Estados Unidos aumenta a população de pobres, enquanto se estima que 60% dos atuais 30 milhões de desempregados na Europa nunca mais conseguirão emprego até o fim de suas vidas. Por enquanto, nesses países, o seguro-desemprego agüenta a sobrevivência desse enorme contingente, mas o sistema de seguridade social já dá sinais de exaustão. E não resolve a perda da auto-estima dos desempregados.

São as conseqüências do modelo econômico neoliberal e a sua lógica diabólica de total subordinação às leis do mercado e irrestrita liberdade de movimentação de capitais. Assim se vem modelando um desenvolvimento tecnológico gerador de desemprego pela automação e robotização das atividades industriais e pelos avanços da informática.

Essas reflexões suscitadas pela reunião de Copenhague não mereceram sequer a de-

aventuras do Romário, porque não convém difundir a crítica ao sistema que aos anunciantes e patrocinadores da mídia interessa preservar.

Outro exemplo: a Câmara dos Deputados vem investigando o trabalho escravo no Brasil, colhendo depoimentos impressionantes. Silêncio nos meios de comunicação. Ouvimos do Padre Ricardo Resende, marcado para morrer em Rio Maria, um relato emocionante do que se passa no sul do Pará e em vastas regiões da Amazônia. Estima-se que são 100 mil os escravos confinados nas imensas fazendas do norte. Trabalhadores são enganados com promessas de trabalho e acabam confinados em fazendas de 100 ou 200 mil hectares, totalmente isolados e guardados por jagunços, contra a tentação de fugir.

O que caracteriza o trabalho escravo é a obrigação de trabalhar para pagar dívidas contraídas. A dívida inicial é o custo do transporte de sua cidade até a fazenda. Vai aumentando com as compras de alimentos no armazém da fazenda, única opção de comércio, com preços fixados de modo a assegurar a impossibilidade de pagamento das dívidas com o salário. Assim, o trabalhador estará sempre endividado e obrigado a trabalhar para sempre, em condições aviltantes. Os que tentam fugir são



O desemprego é o mais visível produto do sistema econômico neoliberal e do modelo de desenvolvimento tecnológico atual.

assassinados. Os líderes sindicais que tentam organizar os trabalhadores e denunciar a escravidão são caçados e mortos. A polícia não investiga. A justiça não julga nem réus confessos.

É que os donos das fazendas não são apenas rudes proprietários rurais da região mas grandes empresas, bancos e grupos financeiros do sul. Importantes anunciantes e patrocinadores da mídia. É melhor o silêncio. Não vamos aborrecer organizações importantes com essas suspeitas distantes e irrelevantes.

Com essa conspiração do silêncio, os temas que o povo discute serão os da agenda dos governos e da mídia, jamais a agenda da gente sofrida deste país e do resto do mundo.

(S. & H.A.)

@ Como vemos a questão do desemprego, do sub-emprego e do trabalho escravo? O que podemos fazer para atenuar o problema em nossa cidade?

Ecologia, mundialização, espiritualidade

A emergência de um novo paradigma

Ecologia e teologia: pan-en-teísmo cristão

Os desafios ecológicos provocam a teologia. Fazer teologia é sempre perguntar: como isso tudo tem a ver com Deus? As questões suscitadas animam a teologia a rever concepções do passado, a projetar outras e, em razão dos novos problemas, a atualizar antigas visões que ficaram no depósito de sua experiência acumulada e agora ganham relevância.

Co-responsabilidade do cristianismo pela crise ecológica

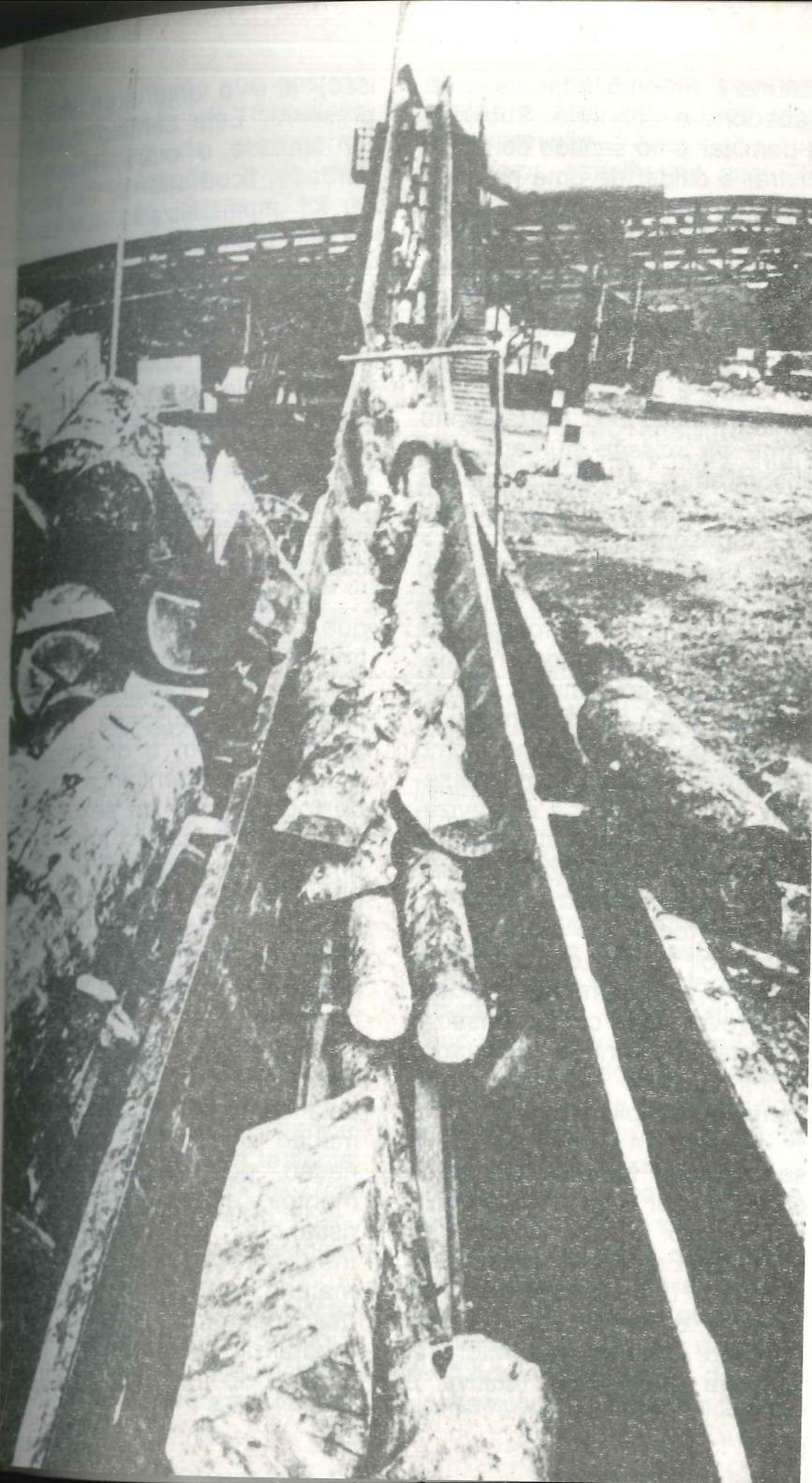
Em primeiro lugar, cabe uma autocrítica. Até que ponto o próprio cristianismo é co-responsável pela crise ecológica atual? É co-responsável. Mas não o é sozinho, embora sua influência tenha sido determinante, pelo menos no Ocidente.

Sabemos que o livro das origens (Gênesis) apresenta duas versões da criação e da

Leonardo Boff
Teólogo, Professor da Ética

missão do ser humano. Na primeira versão se diz: "Façamos o ser humano (homem e mulher) à nossa imagem e semelhança para que domine... sede fecundos e multiplicai-vos, enchei e subjuguai a terra, dominai sobre os peixes" etc. (Gn 1, 26-28). Uma coisa é o sentido do texto nos quadros culturais do hagiógrafo de quase três mil anos atrás. Outra é sua recepção pelos leitores atuais dentro de outro quadro cultural. O sentido originário do texto é este: o ser humano, enquanto homem e mulher, é o representante de Deus na criação, seu filho e sua filha, seu lugar-tenente e aquele que prolonga a obra criadora de Deus. Deus criou o ser humano criador. Este é o sentido exegético de "imagem e semelhança". Os termos "subjuguai a terra e domina" devem ser entendidos neste contexto e não num sentido despótico, como as palavras sugerem.

O filho e a filha de Deus (outro sentido de "imagem e semelhança") participam da



natureza do Pai criador que é de sabedoria e bondade. Subjugar e dominar é no sentido de administrar e cuidar de uma herança recebida do Pai. A culminância de sua missão não termina no trabalho criativo e na representação responsável de Deus. Mas no descanso do sábado, que significa a celebração pela perfeição e bondade de toda a criação (Gn 2, 2-3). Portanto, no termo da missão humana não encontramos o trabalho mas o lazer, não a luta mas a gratuidade e o descanso gozoso.

Mas não foi esse o sentido que predominou. As palavras "subjugar e dominar" foram lidas no contexto da modernidade. Elas foram assumidas literalmente. Daí se entendeu a missão do ser humano como Descartes e Bacon bem o disseram: um dominador e escravizador das forças na natureza para o benefício individual e social. Essa interpretação legítima, com a força da Palavra de Deus, o saque que a Terra sofreu e vem sofrendo. Precisamos rever essa compreensão e resgatar o sentido originário, profundamente ecológico da mensagem bíblica.

A segunda versão diz que o ser humano foi feito por Deus como um ser vivo, marcado com seu sopro. Foi colocado no jardim de Éden "para o cultivar e guardar" (Gn 2, 15). Aqui o sentido é manifesto. O ser humano é amigo da natureza, trabalha com a terra (cultivar é

isso) e é o anjo bom que a preserva. Este sentido poderia ter limitado o outro, mas, na verdade, ficou apenas no papel ou foi espiritualizado. Na caixa de ressonância de nossa cultura ocidental, de si já orientada pelo poder e pelo faraonismo, tal mensagem tinha poucas condições de ser ouvida e de ser vivida. Hoje, num contexto de crise de nosso paradigma de sociedade, ela ganha grande relevância. É nele que os professores da fé bíblica se inspiram para atitudes ecológicas benfazejas e responsáveis.

Certamente mais males do que esses textos foi certa tradição teológica dominante nos meios eclesiais, que produziu a suspeita lançada sobre o corpo, o desprezo do mundo, a desconfiança acerca de todo prazer, da sexualidade e da feminilidade, o anúncio de um Deus desligado do mundo, o que favoreceu o surgimento de um mundo desligado de Deus. Tais elementos reforçam a entrega do mundo à agressão humana.

Entretanto, cabe lembrar os elementos positivos que contrabalançam os negativos: a afirmação da matéria da encarnação, por causa dos sacramentos, especialmente a eucaristia; a ressurreição como transfiguração do mundo, da matéria e do corpo humano; a descoberta do caráter sacramental do cosmos, pois traz os sinais do próprio Deus;

mistério da criação que nos faz irmãos e irmãs de todos os seres, mística de confraternização emocionada vivida por São Francisco, Santa Clara e seus seguidores.

O resgate da teologia da criação

A ecologia mais do que qualquer outra ciência nos coloca diante da natureza como uma totalidade orgânica, diferenciada e única. Ela nos facilita entender o conceito teológico de criação, mediante o qual Deus e o universo se diferenciam e ao mesmo tempo se aproximam. Dizer que somos criados significa afirmar que viemos de Deus, temos em nós marcas de Deus e caminhamos para Deus. A reflexão cristã dominante não aprofunda muito o mistério da criação. Por razões históricas e institucionais ela se concentrou muito mais no mistério da redenção. Mas houve sempre também uma vertente forte que soube articular melhor a criação com a redenção, como a herança de São Francisco, recebida reflexivamente por São Boaventura, Duns Scotus e Guilherme de Ockham, a moderna teologia das realidades terrestres (do mundo, da política e da libertação) e, por fim, toda a teologia da Igreja ortodoxa.

Não se trata aqui de esboçar os rudimentos de uma teologia da criação. Basta-nos acenar com algumas referências de ba-

se. Em primeiro lugar, devemos entender a criação como jogo da expressão divina, dança de seu amor, espelho no qual Ele mesmo se vê e como ele projeta companheiros em sua vida e comunhão. Neste sentido, cada ser é mensageiro de Deus, seu representante e sacramento. Cada um é digno, deve ser acolhido e escutado.

Nessa visão criacional não há hierarquias nem representantes exclusivos. Todos vêm do mesmo amor de Deus. A revelação é permanente, em contínuo processo, pois Deus continua se autodoando e historicamente fazendo aparecer outras dimensões de seu mistério na medida em que a própria criação avança. O magistério cósmico ensina, infalivelmente, sobre a humildade, a ternura e a bondade do princípio que tudo sustenta, Deus.

Nessa teologia da criação aparece o lugar singular do ser humano. Ele não está acima mas dentro e no termo da criação. Ele é o último a despontar; encontra-se na retaguarda. O mundo não é fruto de seu desejo ou de sua criatividade; não lhe viu o princípio. Porque é anterior a ele, o mundo não lhe pertence; pertence a Deus, seu criador. Mas o mundo lhe é dado como jardim que deve cultivar e zelar. Portanto, a relação que o ser humano tem para com a criação é fundamentalmente de responsabilidade, uma relação éti-

ca. Esta responsabilidade, entretanto, não é resultado de uma liberdade humana que pode ou não se decidir pelo mundo; antes, é anterior à sua liberdade; encontra-se inscrita em seu ser criacional. A liberdade se realiza no interior do mundo que o ser humano não criou, mas no qual se encontra.

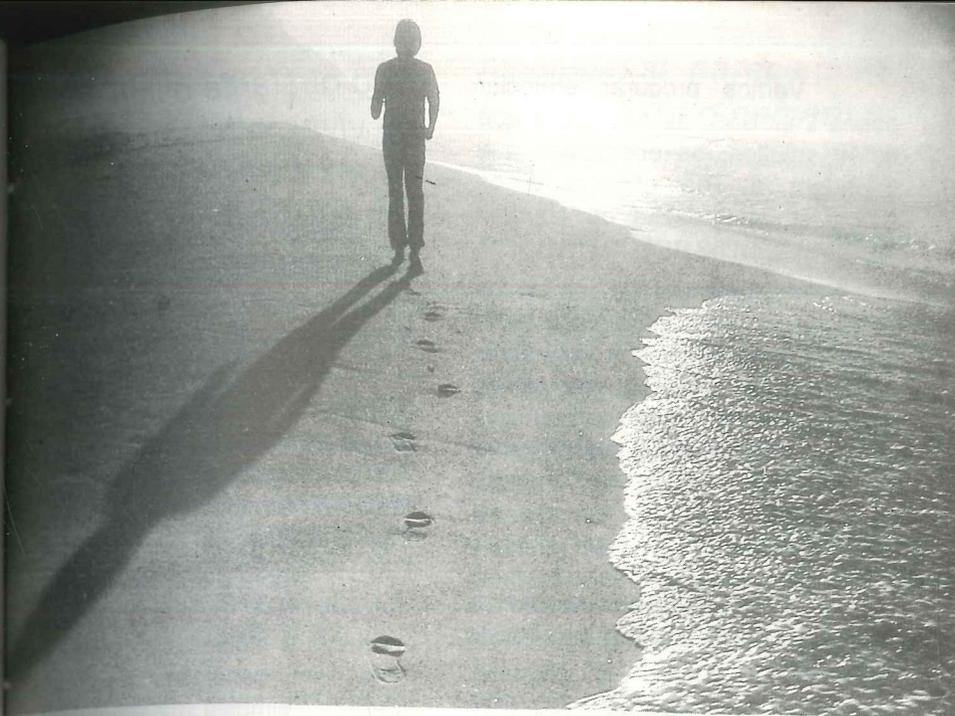
O ser humano foi feito de tal forma que estará sempre junto e no meio da criação como aquele que vai atuar sobre ela, consoante o dinamismo divino que ele possui em si mesmo recebido de Deus, pois é dEle imagem e semelhança. Em outras palavras, o ser humano só poderá ser humano e realizar-se realizando o mundo e inserindo-se nele na forma de trabalho e do cuidado. Aqui não há nada de destrutivo e dominador. Pelo contrário. Estamos diante de uma inscrição profundamente ecológica e destinada a manter o equilíbrio da criação, mesmo avançando e sendo transformada pelo trabalho humano.

Uma teologia da criação nos ajudará a encontrar o sentido de uma teologia da redenção. Redenção supõe um drama, uma decadência na criação, e na vocação humana uma ruptura que atinge todos os humanos e também seu entorno cósmico. Porque o ser humano não cultivou nem preservou a criação ela mesma se sente ferida. Por isso, consoante São Paulo, ela geme e clama por libertação

(Rm 8, 22).

A redenção não clama por substituição, fundamentalmente conservou seu estatuto de criação boa. O ser humano não tem poder absoluto sobre a obra de Deus a ponto de danificá-la em seu coração. Mas ele pode feri-la gravemente. Se assim fosse não caberia falarmos de redenção, mas de substituição, de criação de outra natureza. A redenção reassume a criação, reorienta a seta do tempo e sana a chaga que sangra. Isso significa que a revelação bíblica, as Igrejas, o magistério, os sacramentos possuem um estatuto seletivo. Estão sempre relacionados à criação e a serviço de seu resgate. Isso nem sempre é lembrado. Quando nos esquecemos da criação, exacerba-se a importância da Bíblia (fundamentalismo), infliciona-se o papel das Igrejas (eclesiocentrismo) e exagera-se a função dos sacramentos (sacramentalismo). A revelação judaico-cristã é para recuperar e não para substituir a revelação da criação. Por isso, não cabe esgrimir a Bíblia contra as ciências, nem fetichizar o magistério eclesiástico como se ele tivesse acesso a um saber negado aos que estão dentro da criação e a conhecem pelos vários tipos de saberes.

A comunidade eclesial deve sentir-se parte da comunidade humana, e esta, parte da comunidade cósmica. E todos, parte da comunidade trinitária, do Pai, do Filho e do Espírito Santo.



Caminhemos nos passos dos pés

Helio e Selma Amorim

MFC

Os impulsos para a humanização.

Os impulsos que impelem o homem e a mulher para a humanização são claramente percebidos e identificados. Podem ser enunciados de muitas maneiras, como o fazem os estudiosos da matéria, mas não há divergências significativas entre os autores desses estudos, crentes ou não-crentes. São dados antropológicos que independem das concepções filosóficas ou religiosas dos que se dedicam às ciências humanas. A diferença entre uns e outros é que o cientista

crístico sabe serem esses impulsos um dom de Deus orientado para a humanização de todos os homens e mulheres, porque esse é o Seu projeto criador.

Esses impulsos podem ser desviados do seu norte humanizador e se tornarem fatores de desumanização se exacerbados ou viciados. Podem ser também sufocados por pressões e mecanismos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos. Podem chegar a ser suprimidos ou anulados. Resultam precárias as condições para a humanização, o que lamentavelmente é situação comum no modelo de sociedade vigente.

Vamos procurar enunciar esses impulsos, os desvios a que estão sujeitos, os obstáculos que impedem a sua eficácia e os mecanismos capazes de suprimi-los.

Adotaremos um dos muitos enunciados possíveis para uma análise ampla desses impulsos. Mais adiante, veremos os papéis que tocam aos cristãos frente aos desvios e obstáculos ao encontro de respostas satisfatórias a esses impulsos.

1. O impulso para viver e buscar sempre melhor qualidade de vida.

Os animais também lutam para sobreviver. São movidos por um forte instinto de sobrevivência e reagem ou fogem a qualquer ameaça de morte. No ser humano, o instinto dá lugar ao impulso, acolhido ou rejeitado pela razão ou pelos sentimentos. O homem é capaz de dar a vida por um ideal ou por amor a outra pessoa. O impulso não é determinante, como os instintos dos animais.

Além dessa distinção, o impulso de viver não se limita, no homem, à simples sobrevivência biológica, mas inclui a busca de sempre melhor qualidade de vida. Leva-o a procurar incessantemente dispor de maiores recursos para concretizar essa melhoria de condições de vida, boa alimentação, agasalho, habitação, saúde e atendimento às suas demais necessidades básicas para

Não obstante o impulso de viver, o homem é capaz de dar a vida por um ideal ou por amor a outra pessoa.

uma vida digna e confortável.

Desde que atendidas essas necessidades básicas, em nível razoável, o ser humano estará disposto de condições essenciais, embora não suficientes, para a sua humanização.

Não é o que se verifica, em nossos dias, para a maioria dos homens e mulheres condenados a luta, em condições desumanas, pela simples sobrevivência biológica, apenas para não morrer de fome. Com baixos salários ou condenados ao desemprego, uma praga até hoje sem solução no modelo econômico predominante no mundo, esses seres humanos se sentem impedidos de caminhar para uma autêntica humanização.

Muitos conseguem ocupar um posto de trabalho capaz de assegurar a sobrevivência mas não encontrarão, ao longo de sua existência, condições de melhoria de qualidade de vida, por falta absoluta de oportunidades de repouso, educação, lazer, e demais elementos que definem uma razoável qualidade de vida.

São obstáculos ao encontro de respostas a esse impulso humanizador. Devem ser denunciados como expressões de rejeição ao projeto de Deus e pecado que está na origem

todos os males, ou Pecado Original.

Por outro lado, esse impulso pode ser exacerbado por pressões quase irresistíveis que levarão homens e mulheres à busca desenfreada de prazer, ao consumo e posse desvairada de bens materiais, em suma, ao hedonismo e ao consumismo.

Para esse desvio contribuem fortemente a propaganda que é a marca registrada das sociedades chamadas "de consumo", e a ideologia hedonista veiculada pelos meios de comunicação social, com reconhecida competência e eficácia.

Também neste aspecto da exacerbação que mutila a dimensão humanizadora desse impulso, os cristãos têm um papel a desempenhar, como veremos adiante.

2. O impulso para a socialização e o relacionamento interpessoal.

Bandos, cardumes ou manadas provam que também os animais buscam instintivamente se agruparem, para melhor se defenderem das agressões externas ou para ajuda mútua na luta pela sobrevivência. No homem trata-se de um impulso sujeito à razão e aos sentimentos de cada um. Thomas Merton afirmava que "homem algum é uma ilha". O ser humano anseia por relações

A solidão se parece com a morte para o homem e a mulher, embora sejam necessários momentos de encontro consigo mesmos

interpessoais, sempre mais profundas. A solidão será como a morte para o homem e a mulher normais, embora também sejam importantes momentos de isolamento para o crescimento da pessoa. Isto porque Deus é o modelo para a humanização do homem e, na Sua essência, o Deus de Jesus Cristo não é um Ser solitário, mas uma comunidade de pessoas. O mistério da Trindade tem esse sentido para homens e mulheres, criados para serem imagem e semelhança de Deus.

Mas o ser humano não se conforma em apenas pertencer ao grupo social, ao bando ou à multidão dos homens. Ele anseia por relações interpessoais profundas, esse encontro autêntico de pessoas, despidas de suas máscaras e de suas funções sociais ou mesmo familiares. Trata-se do encontro de pessoas que estabelecem uma profunda comunicação interpessoal pelo diálogo ou pelo gesto simbólico. Nessa intercomunicação se revelam como pessoas, seus projetos, sua história, suas alegrias e tristezas, seus medos e anseios, aquilo que são no profundo do seu ser. É diferente da intercomunicação puramente funcional, do diálogo para desempenho de papéis ou

transmissão de informações como a que se estabelece entre professor e aluno, entre médico e paciente, entre pai e filho, e assim por diante, enquanto os que assim se relacionam não conseguem desvencilhar-se dos seus respectivos papéis ou máscaras com que definem as suas funções.

Nos porões das ditaduras, a solidão forçada sempre foi utilizada como forma de tortura psicológica. Nas prisões, o castigo mais severo é o isolamento na "solitária". O ser humano é de fato um ser social. O processo equilibrado de socialização é parte do processo integrado de humanização, e responde a esse impulso inscrito no coração dos homens e mulheres, para que cheguem a ser a imagem de um Deus que não é solidão mas uma comunidade de pessoas.

Entretanto, o modelo de sociedade em que vivemos nem sempre predispõe as pessoas para esse tipo de relacionamento prazeroso. Absorvidos pelas múltiplas ocupações, pelo ativismo, penetrados pelo individualismo e pela competitividade característicos das sociedades capitalistas, ou sufocados pela luta desigual e desumana para a sobrevivência, a maioria dos homens se sentem frustrados nessa busca de respostas ao impulso de socialização, e vivem isolados.

Nas grandes cidades, o processo de urbanização também conspira contra essa busca. As precárias condições de moradia, o tempo gasto em transportes

Nos porões das ditaduras o isolamento forçado na "solitária" sempre foi utilizado como forma de tortura psicológica.

desconfortáveis, o cansaço e a conseqüente falta de tempo tornam escassas as oportunidades de convivência e relacionamento interpessoal. Os avanços das telecomunicações não resolvem o problema, já que o relacionamento profundo supõe o contato físico, a presença, o olhar, o gesto simbólico, a experiência sensorial.

Por outro lado, a exacerbação desse impulso humanizador pode descaracterizá-lo. A ânsia de companhia, de pertença ao grupo social, de estar sempre junto aos outros acaba levando a um nível superficial de socialização, com prejuízo para o encontro consigo mesmo, com o outro mais próximo e com o pequeno círculo em que se consolidam amizades mais profundas. A sabedoria estará no equilíbrio nessa busca de respostas ao impulso de socialização.

3. O impulso para o interrelacionamento homem-mulher

Trata-se do impulso para um interrelacionamento peculiar em nível profundo, com sua expressão sexual e abertura para

vida. Diferente do instinto dos animais orientado à preservação das espécies, a sexualidade humana está intimamente articulada com a afetividade. O ato sexual com que se estabelece um nível profundo de comunicação e comunhão entre o homem e a mulher, exprime, ao mesmo tempo, a afetividade, o amor, o carinho que os aproximou. A procriação é desejada mas se submete à razão. A paternidade e a maternidade são assumidas livremente.

Esse é o perfil humanizador deste impulso, que encontra respostas no homem e mulher afetiva e sexualmente maduros, capazes de estabelecer uma união consciente e responsável, fundada na liberdade e no amor mútuo.

Entretanto, as pressões sociais desagregadoras que se exercem fortemente sobre o homem e a mulher podem sufocar, exacerbar ou desvirtuar esse impulso, tornando-o desumanizador. O amor entre um homem e uma mulher é frequentemente ridicularizado nas rodas sociais, ou pelo menos desacreditado. A fidelidade é tema constante de piadas de mal gosto. O machismo ainda fala alto. O comércio erótico ou pornográfico investe firme nesse lucrativo mercado, massacrando homens e mulheres com uma enxurrada de publicações, filmes, vídeos que excluem da sexualidade qualquer conteúdo afetivo e responsável. As novelas mais badaladas dão o tiro de misericórdia.



CARLOS CONDE—B1

O amor entre um homem e uma mulher que responde a um impulso humanizador profundo é frequentemente desacreditado e desvalorizado numa cultura ainda marcadamente machista.

O resultado será a prática desregrada e inconseqüente da sexualidade, a manipulação do outro, o infantilismo afetivo e a real incapacidade de amar de forma adulta.

Também temos que reconhecer que a sexualidade humana ainda é um tema mal resolvido na vida da Igreja. O celibato obrigatório para os que abraçam a vida religiosa não colabora para uma visão mais clara do aspecto humanizador da sexualidade. Se são celibatários aqueles que governam a Igreja, fazem teologia e definem normas doutrinárias sobre o assunto, obviamente sem a vivência dessa rica realidade humana, não se pode esperar um tratamento mais saudável da matéria. Mais adiante voltaremos a esse tema, para destacar alguns problemas sérios que decorrem de tabus persistentes na vida da Igreja. Por ora, nos limitamos a registrar que a própria formação de jovens para a vida celibatária como sacerdotes, religiosos ou religiosas, pode chegar a ser castradora, visando a sufocar o impulso natural para a relação homem-mulher, nem sempre capaz de sublimar-se por uma vocação especial mais forte e certamente rara.

Não vemos, aliás, qualquer incompatibilidade entre a vida religiosa em sua expressão mais comum, e a vida conjugal e familiar. O celibato poderia ser uma opção livre e não necessariamente definitiva para aqueles que possuem essa rara vocação para missões heróicas que eventualmente tornassem difícil a vida familiar. Mas, mesmo assim, sempre será possível que se forme um par com a mesma vocação, capaz de conciliar a missão e a conjugalidade, sem que se sufoque

Na busca de uma identidade, cada pessoa humana quer ser ela mesma e não uma cópia das que lhe são semelhantes.

um impulso humanizador, inscrito por Deus no coração dos homens.

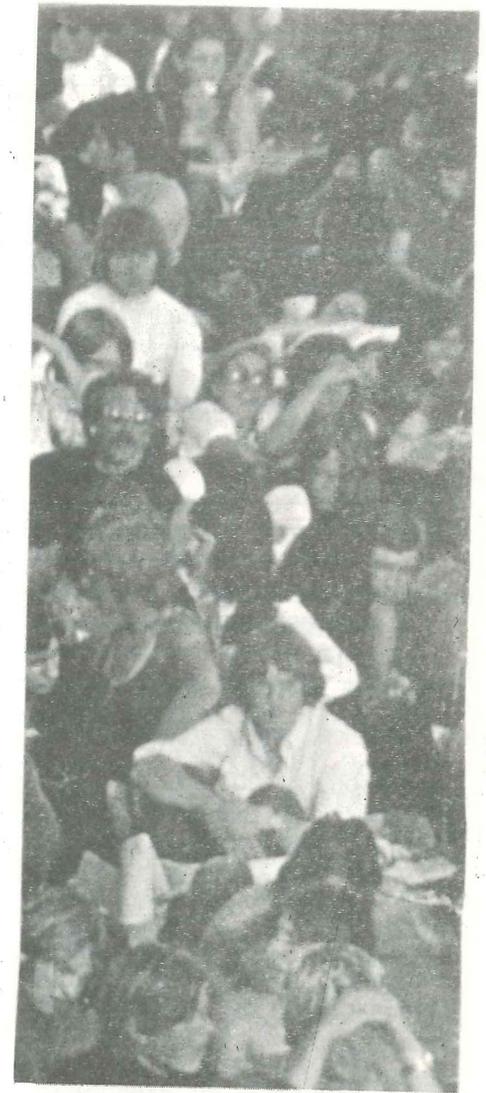
Quanto à componente criadora de vida contida nesse impulso poderoso, é claro que a procriação não é a única resposta possível. Nem sempre a paternidade e a maternidade biológica serão possíveis, o que não impede que o homem e a mulher sejam capazes de criar vida. Contribuir de alguma forma para que pessoas passem de condições menos humanas para condições mais humanas, é criar vida. Muitos casais impedidos de procriar também buscam realizar-se como pais através de diferentes formas de adoção de filhos de outros pais. Entretanto, a procriação é a mais rica resposta ao impulso criador do homem e da mulher. O nascimento de um filho é uma experiência emocionante e misteriosa, pelos sentimentos que desperta nos pais - desde que fruto de uma paternidade-maternidade assumida livre, consciente e responsabilmente.

Mais freqüentemente do que se poderia esperar, as coisas não se passam assim. É comum a gravidez indesejada, fruto da falta de conhecimentos, de orientação segura e de recursos adequados para um planejamento familiar

responsável. A própria orientação oficial da Igreja nesta questão conduz muitas vezes a esse resultado indesejável, que no seu pior desfecho, sempre possível, aumentará as impressionantes estatísticas sobre o número de abortos praticados neste país. Também voltaremos a este tema mais adiante, na busca de novas respostas a este e outros desafios que o mundo moderno lança à Igreja. Por ora, deixamos enunciado este impulso humanizador que conduz à relação interpessoal entre o homem e a mulher em nível profundo de comunhão afetiva, com sua expressão sexual própria e abertura para a criação de vida, em seus múltiplos aspectos.

4. O impulso de construir uma identidade própria, original e inconfundível.

O processo de humanização supõe a construção da pessoa humana com sua identidade própria que a distinguirá de todas as outras. "Quero ser eu mesmo, não uma cópia dos outros que me são semelhantes", dizem o homem e a mulher, animados por esse impulso de busca de identidade. Nessa busca, o ser humano vai-se tornando adulto, conhece-se a si mesmo, elabora convicções, sente-se seguro, capaz de refletir e encontrar-se consigo mesmo, sem fechar-se sobre si mesmo. Construiu uma personalidade original e inconfundível.



Personalidades débeis procuram muitas vezes afirmar-se através de comportamentos atípicos e exóticos para aparentar uma identidade que não conseguem construir.

Essa é a resposta satisfatória àquele impulso humanizador.

A exacerbação desse impulso pode conspirar contra a humanização. Personalidades

débeis procuram muitas vezes afirmar-se através de comportamentos atípicos ou exóticos, para aparentar uma originalidade que não souberam conquistar, e perseguem de forma obsessiva. Tornam-se agressivas ou cheias de "caprichos", usam máscaras, representam papéis mas não conseguem ser elas próprias. Permanecem eternos pré-adolescentes em idades avançadas, sempre ávidos de auto-afirmação de uma "personalidade forte" que não conseguem desenvolver.

Falhas de educação, o massacre permanente dos meios de comunicação social, a pressão da propaganda que impõe modas e costumes uniformes para todos, e tantos outros mecanismos sociais de massificação e despersonalização, utilizados com reconhecida competência para que sejamos bons consumidores de produtos padronizados, sufocam esse impulso de busca de identidade. Todos copiam todos. Imitam-se comportamentos de personagens de novelas de televisão, do norte ao sul do país. Quem quer ser diferente é excluído do seu grupo social devidamente uniformizado pela mídia. Ser original faz do homem e da mulher, "estranhos no ninho".

Para preservar vivo esse impulso humanizador, será preciso estar atento ao poder massificador dessas pressões e desmascarar os interesses econômicos, comerciais, políticos e até mesmo religiosos que as exercem com maldito êxito.

O modelo de sociedade em que vivemos é rico de oportunidades e obstáculos à realização pessoal.

5. O impulso para a auto-realização pessoal.

O ser humano vai descobrindo as suas potencialidades, sua vocação, seu carisma. Busca respostas ao impulso de transformar essas potencialidades em atos, em realizações concretas, em vida. Poder realizar aquilo de que é capaz, exercer profissões e funções que correspondam à sua vocação, mover-se no mundo segundo o seu carisma.

Satisfazer esse impulso, ainda que não plenamente, é condição para a sua humanização. Pessoas condenadas a uma prática que não corresponda à sua vocação se sentem frustradas e infelizes. A falta de oportunidades para a realização de suas potencialidades, não poder realizar aquilo que se sente capaz de fazer, também gera frustração e angústia. Não poder ser e agir segundo o seu carisma gera insatisfação e mina a alegria de viver.

O modelo de sociedade em que estamos inseridos é rico em oportunidades e obstáculos para o encontro de respostas a esse impulso humanizador. Com efeito,

o acelerado desenvolvimento científico-técnico, cultural e artístico, a crescente diversidade de opções profissionais que caracteriza as sociedades modernas, abrem imensas possibilidades de auto-realização pessoal. Entretanto, a péssima distribuição dessas possibilidades na sociedade, exclui dos benefícios desse progresso grandes contingentes da população. Verifica-se, então, que a maioria das pessoas não consegue viver segundo o seu carisma pessoal, exercer profissões e funções na sociedade e na família convergentes com a sua vocação, realizar as ações de que é capaz. A necessidade de lutar pela própria subsistência segundo as leis do mercado leva a maioria dos homens e mulheres a aceitar papéis que não são os seus no teatro da vida.

A família pode ser o primeiro agente dessa futura frustração, ao desestimular um filho a assumir a sua vocação artística, por exemplo, convencendo-o de que o artista acaba passando fome, numa sociedade que não o valoriza. Então ele aceita ser engenheiro ou advogado, "profissões que garantem o seu futuro", dizem os pais. O carisma político é sufocado porque "política é coisa suja", ou "não se meta nessas passeatas que você se dá mal, política é campo minado, meu filho". E lá se vai castrando uma quem sabe esplêndida vocação política, assim como outras igualmente "arriscadas" ou "sem futuro".

A falta de uma adequada infra-estrutura educacional no país é outro fator de frustrações na busca de respostas ao impulso de auto-realização. Impedidos homens e mulheres de desenvolver suas aptidões sufocam-se vocações e talentos preciosos. A situação de extrema pobreza de grande parte da população e a conseqüente subnutrição, desde a infância, bloqueia a capacidade de aprendizagem para aqueles que conseguem vaga em escolas públicas, resultando em impressionantes taxas de repetência e evasão escolar. Gustavo Corção se referia a esta legião de homens e mulheres como "os Mozarts assassinados".

Na vida da Igreja já registramos antes uma norma disciplinar, sem base teológica, que contribui para frustrações desnecessárias. Porque nada impede que uma pessoa desenvolva, simultaneamente, uma forte vocação religiosa para o sacerdócio, e uma bela vocação para o matrimônio, para a paternidade e a maternidade. A realização de ambas as vocações é perfeitamente possível. A sublimação de uma delas também é possível, desde que livremente assumida, temporariamente, em função de um projeto de vida que justifique, num determinado momento, a renúncia adulta de uma ou outra vocação.

Por outro lado, a exacerbação deste impulso pode levar a uma forma desumanizadora de egoísmo, em que só a auto-realização pessoal importa. O bem

comum não é considerado. Os talentos, o saber, o tempo, tudo é canalizado para a auto-realização pessoal, nunca para o apoio à realização pessoal dos outros, para o bem de todos. Este egocentrismo é tão desumanizador como os demais desvios desse impulso.

O impulso de auto-realização pessoal também exige espaços e tempos de lazer, de festa e celebração. A pessoa humana necessita de tempos simbólicos de realização e expressão de suas potencialidades, seus talentos, sua sensibilidade e suas aptidões artísticas, esportivas e culturais. O esforço estafante do trabalho da semana é animado pela expectativa do programa armado para o domingo ou a festa da noite de sábado. Por isso mesmo, os autores do segundo relato da Criação acentuam a importância do repouso semanal, contando que Deus mesmo descansou no sétimo dia, para contemplar, com satisfação, a natureza criada.

Ora, para muitos, essa resposta não existe. O trabalho mal remunerado e cansativo obriga a jornadas extensas e tarefas extras nos domingos para reforçar a comida em casa. Não sobra tempo para o lazer e a festa. A humanização fica afetada por essa frustração.

Percebemos, então, que não obstante as imensas possibilidades oferecidas pelo mundo moderno para a plena auto-realização pessoal, essas oportunidades não estão disponíveis para todos. Apenas a

Em todas as épocas e culturas o homem tem sempre buscado ultrapassar os limites da sua condição humana.

parte privilegiada de uma sociedade desigual tem acesso a respostas satisfatórias a este impulso humanizador.

6. O impulso para a auto-transcendência.

Em todas as épocas e culturas, o ser humano tem buscado ultrapassar os limites da sua condição humana, para o encontro com realidades sobrenaturais, a relação com seres superiores, divindades que, ao longo da história, se apresentaram sob diferentes formas. Antes mesmo que o Deus da Bíblia irrompesse na história humana, elegendo um povo para anunciá-lo aos outros povos, cada povo já cultuava seus próprios deuses.

As ciências humanas, modernamente, incluem essa busca de encontro com o divino entre os impulsos humanizadores que impelem as pessoas à superação das suas limitações humanas, ao anseio de eternidade, à vitória sobre a morte. Para os cristãos, essa busca histórica termina no encontro com o Deus de Jesus Cristo, modelo para a humanização do homem e certeza

As variadas expressões de religiosidade popular são resposta ao impulso humanizador que impele homens e mulheres para a busca de Deus e de experiência de eternidade.



de vida eterna.

Esse impulso humanizador pode ser sufocado por uma sociedade materialista, que quer o homem auto-suficiente, que diviniza o poder conquistado através da ciência e da técnica e proclama orgulhosamente a morte de Deus. Entretanto, ainda que rejeitando a existência de Deus por longos períodos de suas vidas, vemos com frequência que muitos homens e mulheres acabam retomando a busca incessante desse encontro com o divino, à medida que crescem em maturidade e experiência de vida. O impulso se sobrepõe à visão materialista do mundo e do homem.

É verdade que essa busca se desvia muitas vezes para formas de magia, superstições e credências que se expressam em búzios, tarôs, horóscopos,

"simpatias", promessas, amuletos e toda uma variedade de buscas de respostas aos grandes mistérios da vida.

Nestes desvios, há também interesses comerciais, que os alimentam através dos meios de comunicação social, das novelas de TV, de filmes, de revistas e outros produtos que vendem mais quanto mais alimentam credências e superstições populares. Quase todos os jornais, mesmo os chamados "jornais sérios" não abrem mão da sua seção de horóscopos, com que alimentam essa grande tolice institucionalizada.

Por outro lado, a exacerbação desse impulso tem gerado o fanatismo de muitos, fenômeno que não poucas vezes resulta em grandes tragédias, suicídios coletivos, loucura e, mais frequentemente, em fuga à

realidade.

Como acontece com os demais impulsos, aqueles obstáculos podem sufocá-lo, e os desvios ou exacerbação acabam por reduzi-lo a um impulso desumanizador.

Conclusão.

O processo de humanização que levará homens e mulheres a serem imagem e semelhança de Deus, é animado por impulsos colocados por Deus mesmo no coração de cada ser humano. O mundo pode oferecer obstáculos e estímulos, pode exercer pressões que desviam esses impulsos de seus fins, mas pode propiciar meios quase ilimitados para essa busca de respostas. Pode ajudar na

@ O nosso povo tem condições de viver uma vida realmente humana, como resposta a esse impulso humanizador? Quais serão as principais carências da maioria?

@ Esse impulso de busca de melhor qualidade de vida pode se desviar e, para nós mesmos, tornar-se desumanizador? Explicar.

@ O relacionamento entre as pessoas, no mundo moderno, é mais profundo que no passado? Os avanços dos meios de comunicação estão contribuindo para esse melhor relacionamento?

@ O relacionamento homem-mulher vai bem? Há problemas? Exemplos.

@ O jovem encontra condições favoráveis para ser ele mesmo, construir sua identidade? O que ajuda e o que dificulta?

@ As pessoas em geral conseguem realizar plenamente a sua vocação, desenvolver seus talentos, e ser o que gostariam de ser? O que favorece, o que impede a realização plena de uma pessoa? E os mais pobres?

@ Como se expressa hoje, esse desejo de busca de Deus, esse impulso de transcendência, de eternidade, de experiência do divino? Têm surgido novas expressões? Há desvios? Exemplos.

A pessoa adulta é a que cresceu em consciência crítica e responde com equilíbrio aos impulsos para a humanização.

conversão dessas potencialidades em atos, na sua justa medida, ou exacerbá-las, a ponto de torná-las desumanizadoras.

A pessoa adulta, madura, é a que descobre o equilíbrio nessa busca, desenvolve o senso crítico para perceber as pressões capazes de falsificá-la e luta contra tudo que possa sufocar esses impulsos humanizadores.

Em Jesus Cristo, Deus se apresenta como modelo histórico dessa maturidade humana, para homens e mulheres que caminham para a humanização.

A doença sem cura

Rubens Alves
Escritor

Preferiria ser acordado pelo canto de um galo. Porque cantos são mais que cantos de galos. Cantos de galo são lugares onde moram universos inteiros, cenários e tempos que podem ser reconhecidos por aqueles que em algum tempo do passado moraram neles. Galos são arautos de um mundo. Seria bom ouvi-los de novo, pois então eu voltaria àqueles mundos onde vivi e que agora moram infinitamente longe, no passado. Ao invés dos galos, são os bem-te-vis que me acordam. Da árvore do meu quintal, eles anunciam o começo de um novo dia. E eu me admiro do imenso acordo que existe neles. Todos iguais. A começar dos uniformes. Como se fossem um partido onde não existem dissidências.

Nenhum deseja ser diferente do que é. E a julgar pela convicção repetição do mesmo refrão, "bem-te-vi", parece que todos têm as mesmas idéias. Nunca soube de algum que compusesse uma partitura diferente. Estão contentes. Por séculos, milênios, têm estado cantando a

mesma coisa sem dela se cansar. Iguais por dentro e por fora. O que me faz supor que devam ser muito amigos uns dos outros, pois quem assim está de acordo só pode ser amigo.

A mesma admiração me causam os meus peixes. Por muitos meses eles têm vivido dentro do mesmo aquário. Se eu fosse um deles, creio que já há muito teria enlouquecido de claustrofobia. Pois o aquário é um mundo sem alternativas. Não há saídas. Sempre as mesmas coisas. No entanto (o que pode ser um equívoco de minha parte), eles parecem contentes. Contrariando a máxima sartriana de que o inferno é o outro, compartilham o mesmo espaço limitado sem que haja manifestações visíveis seja de batalhas, seja de loucuras. Como os bem-te-vis, imagino também que, de tanto se verem, de tanto fazerem juntos as mesmas rotinas, devem ter-se tornado amigos. Afinal de contas, todos eles partilham de um mesmo destino do qual não podem fugir.

Ontem achei um bem-te-vi morto no meu quintal. Estava coberto de formigas. Achei-o por acidente, pois nada no canto dos bem-te-vis me sugeria que eles tivessem sido golpeados pela morte. O bem-te-vi morto estava sozinho. Nenhum dos companheiros de mesmo uniforme e mesmo canto que expressasse tristeza. Como se ele não fizesse falta alguma. Como se ele nunca tivesse existido! Como se os seus companheiros de canto nunca o tivessem notado! Não havia tristeza no ar. Seu canto não fazia falta. Era apenas um bem-te-vi sem nome, como todos os outros. Qualquer outro seria o mesmo.

A mesma coisa aconteceu no aquário. Um peixinho vermelho morreu. Ainda no dia anterior, ele brincava com todos os outros peixes, nadava nos mesmos lugares, comia a mesma comida. Agora ele boiava inerte na superfície da água. Mas era como se nada tivesse acontecido. Os outros não sentiam a sua falta. Continuavam suas rotinas, indiferentes, sem demonstrar sofrimento algum.

Quando eu era menino, numa cidade do interior, quando alguém morria as igrejas faziam soar o repique fúnebre dos sinos. Não importava que fosse um desconhecido. Todo mundo ficava sabendo que em algum lugar se chorava. Abria-se um espaço sagrado - pois o sa-

grado é isto, ali onde os homens choram juntos.

E fiquei a pensar em como somos diferentes: a felicidade dos animais e o choro dos homens. Nossos corpos são diferentes. O dia continuava belo para os bem-te-vis, o aquário continuava o mesmo para os peixinhos - porque, sem que tenham isto aprendido com qualquer filósofo estóico - eles praticam naturalmente a ataraxia, a absoluta indiferença ante os golpes da vida. Não sentem. Ou melhor, só sentem aquilo que diretamente atinge a sua pele. Disto o budista já nos adverte: que a nossa intranquilidade se deve ao nosso desejo. Elimine-se o desejo e o sofrimento se reduzirá à dor que se sente no corpo.

Acontece que os deuses brincaram conosco e fizeram nosso corpo de uma outra substância. Em nossa carne mora o desejo. E desejo é isto: uma abertura para o universo inteiro, braços que abraçam desde as mais distantes estrelas até as mais ínfimas das criaturas. Pois Fernando Pessoa não tinha dó das estrelas? Não, não se tratava de figura retórica: ele sofria mesmo ao vê-las brilhando sem cessar, sem jamais descansar. Que vale dizer que as estrelas não sentem se, no corpo do poeta, elas vivem como uma ferida pulsante?

Um dos meus maiores amigos - amigos de todas as horas - é o seu João, pedreiro

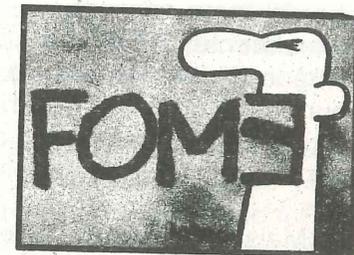
único, não existe outro igual. Pois todos os dias, antes de começar o seu trabalho, ele vai até a beirada da piscina e salva todos os bichinhos que ali haviam caído durante a noite - abelhas, marimbondos, besouros. Tolice, dirão. Pois não fazem falta. Morrerão de qualquer forma e nenhum dos seus companheiros está demonstrando qualquer sentimento face à tragédia daqueles que ainda ontem voavam com eles. Haverá outras abelhas, outros marimbondos, outros besouros... Certo. Isto vale para os bichos. Mas não vale para o seu João. Pois a sua carne, doente de afeto, sofre com o sofrimento dos pequenos animais. Nosso corpo padece desta doença: o amor. Seu limite não é a pele. Ele contém o universo inteiro. Dizia Pablo Neruda: "Sou onívoro de sentimentos, de seres... Comerá toda a terra. Beberá todo o mar". E o nosso sofrimento tem a ver justamente com isto: que gostaríamos, como uma mãe, de acolher, proteger, acalentar tudo o que existe. E é por isso que o desti-

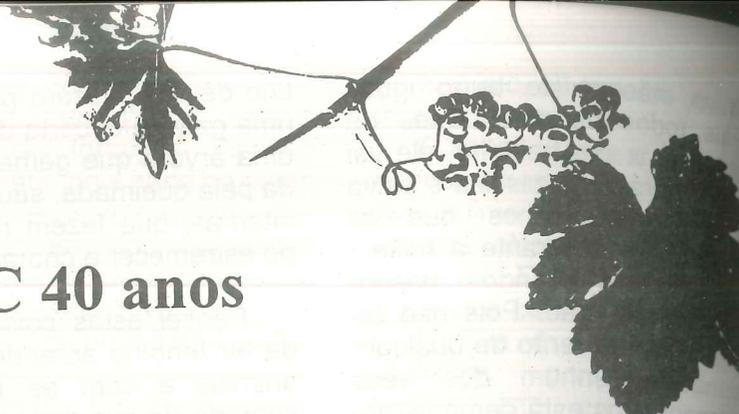
tino de um pássaro perdido, de uma gaivota coberta de óleo, de uma árvore que geme consumida pela queimada, são tragédias internas, que fazem nosso corpo estremecer e chorar.

Pensei estas coisas depois de ter tentado aprender com os animais e com as plantas o segredo da sua tranqüilidade. E concluí que esta é uma lição que nos está vedado aprender. Nunca poderemos participar da sua felicidade. Para sermos tranqüilos como bichos e árvores, seria necessário que não tivéssemos coração. Estamos condenados ao sofrimento porque estamos condenados ao amor. Nas palavras de Wordsworth, *"graças ao coração humano que nos faz viver, graças à sua ternura, alegrias e temores, a mais singela flor que o vento sopra faz-me pensar pensamentos profundos demais até para as lágrimas"*.

Este é o preço que se paga por se ter dentro de um corpo tão pequeno um coração que abraça um universo tão grande.

A fome é imoral.
O desemprego também.
Faça alguma coisa.





MFC 40 anos

Há meio século, começaram a surgir grupos de casais que se reuniam para refletir sobre a vida conjugal e familiar, numa visão de fé e inspirados numa ética cristã. Na França, surgem como Equipes de Nossa Senhora, e logo se espalham pela Europa e atravessam o oceano, aqui para as nossas terras. Nos Estados Unidos, vão se multiplicando grupos que já se denominam MFC, enquanto na Espanha, adotam outras denominações.

As notícias chegaram à Argentina e Uruguai. Começam algumas experiências nesses países. Em Montevidéu, em 1950, um grupo de casais chamados Gelsi, Soneira, Gallinal, Marín e alguns outros que a memória já falha em registrar, juntamente com o Pe. Pedro Richards, toma a iniciativa de criar formalmente o MFC. Elaboram temários, definem métodos de reunião, produzem material de divulgação, e começam a formar equipes de casais em seu país.

Mais cinco anos, acontece no Rio de Janeiro o Congresso

Eucarístico Internacional e lá estão aqueles casais e o sacerdote fundadores do MFC.

Pe. Helder Câmara, a alma daquele Congresso, dá uma força. O bispo D. Távora apoia. Chamam alguns casais brasileiros para conhecerem a experiência dos uruguaios. Aparecem Julio e Madalena, Nelson e Gabriela, Sollero e Lya e outros que se entusiasmam com a idéia de fundar um movimento semelhante no Brasil.

A idéia vinga e, nesse ano de 1955 é formalmente criado o Movimento Familiar Cristão no Brasil. Começa no Rio de Janeiro e Niterói, mas logo se espalha pelo país. Alguns casais com forte carisma missionário viajam por Minas, Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Ceará. Despontam Jean e Neuza, Furtado e Júlia nessa fecunda ação de expansão do MFC. Chegam ao Norte, excursionam no Sul. Forma-se a primeira Equipe Nacional, à qual se juntam Reis e Beatriz, Ned e Maria, Silveira e Maria Augusta e tantos outros dedicados casais, muitos deles formados na Ação Católica, nos

grupos de JEC e JUC. Esses muitos casais pioneiros foram forjando o movimento que agora comemora seus 40 anos de fecunda existência.

Nessa já longa vida vivida, o MFC produziu preciosos temários, criou e manteve por quase 10 anos o Limiar, sua excelente revista de formação, e há 20 anos vem editando Fato e Razão, outro instrumento valioso de evangelização e formação. Os livros que editou para as atividades de preparação ao casamento são muito usados por agentes de pastoral e vários movimentos, e se tornaram "best sellers", com as oito edições de "O Assunto é Casamento", e as dezoito edições de "Amor e Casamento".

Além dos doze Encontros Nacionais, perde-se a conta do número incalculável de Encontros Estaduais e Diocesanos, Seminários memoráveis, Cursos variadíssimos, em todo o país. Mais de 300 cidades brasileiras conheceram e foram marcadas pelo MFC.

O Movimento Familiar Cristão realizou em julho de 1995, em Maceió, seu XII Encontro Nacional, reunindo mais de 500 participantes de quase todos os Estados, com a presença dos atuais e dos anteriores presidentes latino-americanos.

Foi uma extraordinária experiência de Igreja e de efetivo protagonismo dos leigos, como resposta ao desafio lançado pela Conferência de Santo Domingo. Durante uma semana foi debatido, de forma intensamente participativa, o tema "Ética na Família para uma Sociedade Renovada".

Mas o mais importante é ter-se forjado um movimento de vanguarda, de leigos adultos, comprometidos com a transformação da sociedade, na edificação do Reino de Deus, e na luta pela justiça. Um movimento capaz de assumir posições corajosas na vida política do país e mesmo na vida da Igreja. Um dos movimentos de Igreja que testemunharam essa vocação cristã pela perseguição sofrida dolorosamente na carne por muitos de seus membros destacados, que conheceram os cárceres de tiranias cruéis em nosso país.

É o momento de celebrar o passado e mirar o futuro. Num mundo em cada vez mais rápidas e radicais transformações, os movimentos e toda a Igreja são submetidos a sucessivos desafios que exigem revisões, reformulações, mudanças criativas e inovadoras, para que sigam sendo respostas válidas às necessidades de todos os homens e mulheres de nosso tempo. Também esta disposição deve ser hoje celebrada.

O XII Encontro Nacional foi um marco na vida do MFC.

Os textos desta declaração aprovada no seu encerramento, e a síntese dos trabalhos que publicamos a seguir, refletem com nitidez o nível de maturidade dos participantes e a identidade do MFC.

Como membros do MFC, participantes do XII ENA realizado em Maceió, entre os dias 23 e 28 de julho de 1995, estivemos refletindo sobre o tema "Ética na Família para uma Sociedade Renovada". O Encontro, por sua representatividade de todos os recantos do país, enriquecida pela participação de companheiros do México e Costa Rica, à luz da Palavra de Deus e através do intercâmbio de ricas e diversificadas experiências éticas, vividas e compartilhadas, pode saborear e aprofundar os **desafios** e as **novidades** que floresceram como **interpelações** e **esperanças**, no mar da realidade da nossa vida e da nossa história.

Através dessa vivência de Fraternidade e Solidariedade, foi possível ensaiar o sonho da Sociedade Renovada, pela comunhão e partilha do pão, pela riqueza do confronto de diferentes culturas e práticas cristãs, tudo dentro do grande mosaico das diferenças etárias, étnicas, profissionais, eclesiais e ideológicas, que revelam a ri-

queza do que significou e despertou o Encontro para todos os participantes.

Este, como os anteriores Encontros, foi um momento forte na caminhada de 40 anos do Movimento no Brasil, que tem contribuído para a formação de leigos cristãos adultos comprometidos com a promoção da Justiça e da Fraternidade, numa sociedade marcada por graves desigualdades, desumanizadora e excludente, predadora da natureza e, portanto, contrária ao Projeto do Reino.

Nessa perspectiva, os participantes do Encontro aprofundaram uma análise crítica do sistema sócio-econômico, de corte neoliberal, que não responde às necessidades básicas da vida - educação, saúde, moradia digna, direito ao trabalho e à justa remuneração, acesso à terra e gera uma cultura de morte, com suas expressões de corrupção, violência, cinismo, individualismo, competição perversa, a idolatria do lucro, impossibilitando, para tantos irmãos e para a maioria das famílias, uma vivência feliz e



O MFC assume em seus Encontros as lutas em defesa da vida e de libertação de tudo o que se opõe às necessárias mudanças na sociedade, para que nela prevaleça a justiça e a fraternidade.

prazerosa, alegre e esperançosa.

Pensando na concretização do compromisso ético cristão, o Encontro se revelou como sementeira de tendências e propostas com perspectiva profética, ecumênica, plural, utópica, inculturada, ecológica, de reciprocidade na relação homem-mulher, aberta a todas as expressões de vivência familiar.

Estes propósitos hão de ser viabilizados através de ações

conjuntas com todos os setores da sociedade que lutam pela defesa da vida e libertação de tudo que se opõe ao esforço de transformação da sociedade.

Frente a esse panorama, os participantes do Encontro reafirmam, com vigor e ternura, de corações abertos e mãos operosas, renovados, o seu compromisso ético, na nova certeza e teimosa-esperança de que todos terão vida, e vida em abundância (Jo 10,10).

Tendência do Encontro em 10 eixos

Frei Luiz Augusto de Mattos
Assessor do XII ENA

A produção reflexiva no XII ENA convergiu para um aprofundamento dos desafios éticos que emergem para os cristãos e para a família dentro da Sociedade contemporânea. Neste sentido, procurou-se compreender que o MFC está sendo provocado, à luz da Palavra e das transformações sócio-culturais, a continuar aprofundando, reassumindo seu compromisso ético no que diz respeito à **defesa da vida**.

Partindo de uma metodologia participativa - que contribuiu para ensaiar a própria experiência ética que deverá reconstruir a Realidade - os participantes do Encontro pouco-a-pouco foram delineando, a partir do diálogo nos grupos, das ricas celebrações, da convivência fraterna e alegre, da integração da realidade plural de etnias, gêneros, idades, profissões, ideologias, os traços da Ética que deverão atravessar a ação Evangelizadora.

O método contribuiu para que o início dos trabalhos

tivesse como ponto de partida o **contexto** social, político, econômico, religioso/eclesial e familiar. E ainda: a reflexão contextualizada possibilitou compreender a Ética como uma decisão/opção dentro das condições duma realidade de pobreza, exclusão para a grande maioria e, por outro lado, apresentando um desenvolvimento crescente para uma minoria. Situação que permite encontrar nas práticas das pessoas e das famílias dificuldades e/ou alternativas na biodiversidade de experiências, conforme foram relatadas durante o Encontro. Pensando a experiência ética nessa conjuntura através de uma ação responsável pelo destino de si, do(a) outro(a), da natureza, da dinâmica social, se elencam alguns **critérios** (solidariedade, liberdade, relações recíprocas, justiça, fraternidade, etc.) que devem orientar os compromissos para uma adesão ao Bem (= Projeto de Deus).

Na trilha dessa visão ficou claro que os critérios (valores) são compreendidos, vivenciados desde a perspectiva, o lugar e os interesses do **pobre**, do(a) **outro(a)** e do **excluído** - que se apresentam como **critério fundamental** (Mt 25, 35-36; Lc 4, 18-19) para o testamento do imperativo ineludível e claro da ética cristã: liberar a Vida de tudo que a oprime e a empobrece.

Seguindo esta orientação de fundo o Encontro caminhou despontando alguns eixos que são como linhas-força de uma Ética cristã para a Renovação da Sociedade. Vejam a seguir uma tentativa de síntese de alguns eixos que apareceram durante o Encontro.

1. A Ética é integradora da vida

Já não se pode pensar a ética dentro do regime do separado, do desintegrado. Daí que a Ética é vivenciada na tensão articuladora entre: privado e público, corpo e espírito, história e eternidade, pessoal e comunitário/social, objetivo e subjetivo, particular e universal, real e utópico, sagrado e profano, mulher e homem, - mística e política, ético e legal, micro e macro... Ou seja, a ética deve/pode ser vivenciada na globalidade da vida, vale dizer, onde a vida é realidade.

2. A Ética se opõe a todo moralismo

A Ética não pode ser esvaziada de sua capacidade crítica e transformadora, o que levaria a um moralismo. Por isso, ela (a ética) não deve ser identificada com as duas características básicas do moralismo que, às vezes, atravessa as instituições (família, igreja, etc.), organizações, entidades. Uma característica se identifica com a prática que despreza o sujeito com sua história e suas significações. O que conta é o código de normas - o que concorre para o rigorismo, legalismo, casuismo. Outra característica se reflete no liberalismo: nega-se qualquer questionamento e a regra é "deixar cada um decidir segundo o que acha". Neste caso não existiriam referências, a não ser o **Eu** absolutizado como referência das opções, práticas e projetos.

3. A Ética exige uma distinção dos níveis de valores

A apreciação ética dos comportamentos e atitudes em vista duma dinâmica libertadora, exige saber distinguir níveis como: a) **Ôntico** - o ser humano é determinado por alguns fatores (psíquico, biológico) que independem da vontade do sujeito, e que condicionam comportamentos, tendências (inclu-

nações), atos do indivíduo; b) **Sócio-cultural, econômico** essa realidade influencia o sujeito nas suas atitudes, atividades. Todo ser humano é fruto (também) de uma cultura, de uma vivência social. Na Sociedade Capitalista, o Econômico é determinante da vida - ela é que qualifica a vida das pessoas, das famílias (quem tem, tem vida boa, é considerado sujeito-cidadão). O pobre é não-pessoa nessa lógica econômica; c) **Ético** - este nível através de uma articulação crítica com o ôntico e o cultural procura "analisar o que se passa, discernir valores pelos quais se guiar e se encaminhar na vida".

Esta distinção e articulação dos níveis só é possível numa ética alicerçada numa perspectiva: interdisciplinar (diálogo com várias ciências: psicologia, sociologia, filosofia, teologia, antropologia, etc.); sistêmica (ética que não fica no ato em si mas que vê os fatores que o condicionam); situacional (não despreza as circunstâncias onde se encontra o sujeito); dialogal. Esta maneira de construir um juízo ético mergulha nas motivações, historicidade do sujeito e possíveis consequências.

4. A Ética é testemunhada a partir de alguns referenciais

A viabilização do testemunho ético faz-se realidade (tam-

bém) pela experiência de referenciais que são importantes. Entre estes pode-se destacar: coerência entre teoria e prática; consciência crítica diante dos acontecimentos, informações e contexto; reciprocidade no relacionamento humano em oposição a toda coisificação, discriminação; gratuidade, luta contra tudo o que ameaça a vida; liberdade profética; convicção diante do que se assume; criatividade nas atividades; coragem diante dos riscos... Estes referenciais arrancam o ser humano do idealismo, da omissão, da "moral" da boa vontade e da ingenuidade, da cumplicidade com a cultura do cinismo e da violência, da irresponsabilidade diante da exclusão da grande maioria.

5. A Ética apresenta uma dimensão comunitária

Diante de mecanismos ideológicos, organizações sociais, instituições e políticas que expropriam a vida do povo e/ou destroem a natureza, a Ética tem que ser vivenciada num nível comunitário, coletivo. Isto é possível por uma ação conjunta que integra as várias frentes de luta em favor da vida: pastoraes, organizações populares, movimentos populares alternativos, práticas políticas em alguns campos (p.e., sindicato, partido político, prefeitura).

6. A Ética é desafiada a enfrentar a Ética do mercado

A vivência da ética na Sociedade do Capitalismo moderno é dificultada pela ética sintonizada com a lógica do Mercado. O que conta é o **interesse próprio** que contribui para o lucrar cada vez mais. Daí o surgimento do individualismo, consumismo, hedonismo, da competitividade e eficacidade. Acaba-se sacralizando o **ter**, o **poder**, o **saber**, o **vencer**, em detrimento do **ser ético** - o que acarreta um conflito entre os valores do Reino e os valores promovidos pela Sociedade capitalista.

7. A Ética é construída dentro de um tempo e de uma história

Para entender o conflito de gerações, as divergências no campo da ética, a inversão de valores, torna-se fundamental entender duas coordenadas sociais que determinam a ética. A primeira é quanto ao modelo de vida que se vive. O modelo p.e. do operário é diferente do modelo empresarial. E o modelo determina o estilo de vida que condicionará o modo de ver a vida, a história, as práticas, as lutas, os acontecimentos. Conseqüentemente, a postura ética vai estar determinada pelo estilo de vida. A visão p.e. da greve

dos trabalhadores é diferente entre o empresário e o operário.

Outra coordenada é o tempo histórico. O momento histórico do hoje é traçado pelas características da Modernidade (autonomia, pluralidade, secularização, razão, democracia) e da Pós-modernidade (subjetividade, retorno ao sagrado, etc.), o que determina novos padrões culturais. Esta realidade necessariamente leva a uma nova maneira de ver, interpretar os valores (p.e. solidariedade, justiça, dignidade, fraternidade), o que contribui para **novas posturas éticas**. Por isso a relatividade que se dá a alguns valores que ontem eram prescrição, como: casar virgem, ser sensível ao semelhante, ser honesto no comércio.

8. A Ética orienta para a reconstrução da sociedade

O compromisso ético ao ter como meta a promoção da vida, a libertação dos pobres e oprimidos, a integração dos excluídos, implica numa conscientização- organização-mobilização que defenda e garanta as necessidades básicas da vida (saúde, educação, moradia, liberdade, reforma agrária, etc.). Sendo assim, a ética hoje passa pela conquista da cidadania e da democracia que construirão o poder popular-solidário com a causa do povo. Poder que dará oportunidade para reconstruir a

Sociedade em todos os níveis - privilegiada iniciativa para garantir uma "Sociedade renovada".

9. A Ética é alternativa diante da "falta de alternativas"

Com a mundialização da revolução de Direita que atravessa a humanidade, o que se faz conhecido com o **neoliberalismo**, o **fundamentalismo** e o **neoconservadorismo**, as saídas para uma sociedade renovadora (eticamente solidária e justa) se tornam complicadas e difíceis. É aqui que nasce o protagonismo da ética com iniciativas que criam práticas alternativas. Caso contrário, estaremos caminhando para um "suicídio coletivo" da humanidade. No Brasil, o trabalho do Betinho contra a fome; a luta dos movimentos ligados às ONGs (p.e., ecológico), sinalizam essa caminhada que todo ser humano ou comunidade deverá assumir dentro da sociedade civil. No fundo é o bloco dos comprometidos com a vida construindo uma mundialização a partir dos últimos da história.

10. A Ética se defronta com novas questões

O MFC está desafiado a continuar aprofundando sobre as novas questões que emergem hoje dentro da Sociedade,

se quiser prosseguir no compromisso ético que ajuda a edificar a Sociedade renovada. Vejam algumas dessas questões levantadas durante o Encontro:

- Como enfrentar a "ética do pós-dever"? - ética que "desvaloriza o ideal da abnegação, liquida os valores sacrificiais e estimula os desejos imediatos, a paixão do ego, a felicidade instituída e o materialismo";
- Como enfrentar a **crise de paradigmas** (= o conjunto de pressupostos e critérios com os quais a ética se estabelece)? - hoje corre-se o risco de um dogmatismo, uma intolerância quando se fecha num paradigma ultrapassado. Em que responde, no presente, um paradigma polarizado na *ordem natural*? Quais os riscos de uma polarização na *razão*? O que ajudaria um paradigma a partir de uma visão holística?

Parece que alguns conflitos com a instituição eclesiástica passa (também) por essa questão do paradigma!

- Como enfrentar uma medicina construída pelos seguintes modelos: a) técnico-científico (o que importa é fazer); b) empresarial-comercial (o que vale é o mercadocentrismo - vive-se pela ótica do rendimento); c) aliança com a corrupção/ expropriação.

A luta contra uma medicina que se identifica com estes modelos é a forma que se tem



As práticas do MFC devem privilegiar a formação e conscientização de seus membros e das pessoas que é capaz de atingir, capacitando-as e motivando-as a assumir suas responsabilidades políticas e sociais para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

para se opor a práticas como pagamento de laqueaduras para conseguir votos; cesárias que se justificam para ganhar com a cirurgia, controle da natalidade através de uma política imperialista, dominadora do 1º Mundo; o ser humano como cobaia das novas técnicas; clínicas clandestinas para o aborto, a esterilização, etc.;

- Como assumir uma Ética que tem as seguintes características: inculturada; ecológica/cósmica; pluriética; pluricultural, utópica, popular;

- Necessidade de viabilizar para os agentes: a formação política; a formação técnico-científica dependendo do campo profissional; e o desenvolvimento de uma consciência crítica do contexto. O que contribuirá para superar uma visão ingênua da realidade, e uma falta de credibilidade das práticas diante de alguns setores da sociedade.

- Como resgatar as dimensões do belo, da corporeidade, do lúdico, do brincar - contra uma experiência determinada pelo racional, mecânico.

Solda ou liga?

Cultura não pode ser confundida com **erudição** e nem com título universitário! O Documento de Puebla (nº 338) define **cultura**: "como em determinado povo, cultivou o homem sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus" (GS 33b) de modo que possam chegar a um "nível verdadeiro e plenamente humano" (GS 3a.) É o "estilo de vida comum (GS 53c) que caracteriza diversos povos". Afirmado isto por nossos **Bispos Latino-Americanos** saltemos ao conceito de **nação**, conjunto cultural que une um **povo** mesmo vivendo ele em diferentes climas, economias e etnias.

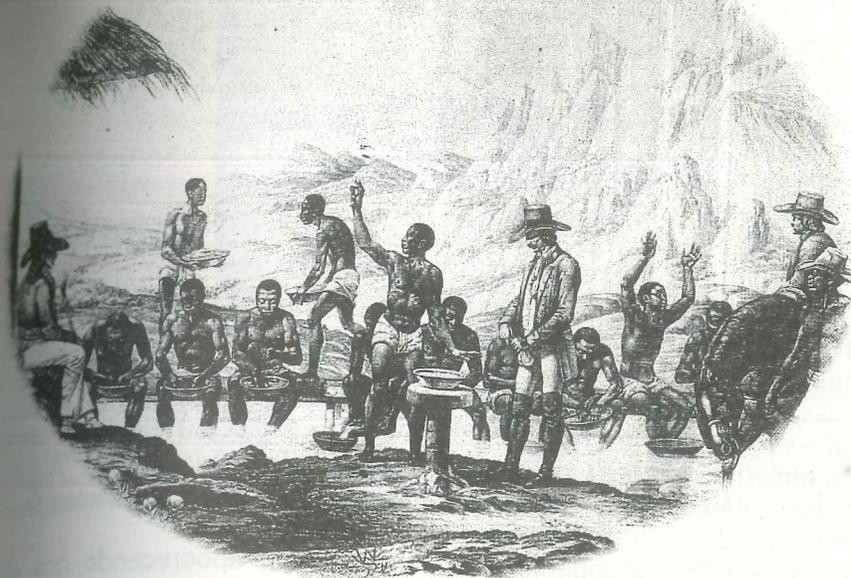
Quando harmônicas tais diferenças formam uma **nação**. Posteriormente se traçadas as suas fronteiras, será um **país**. Daí que necessariamente nem todo país se constituir em **nação**. Estão aí - citando apenas alguns exemplos - o Canadá, a Grã-Bretanha, a Suíça e a Bélgica. Também a Espanha e a dilacerada Iugoslávia que acaba de implodir justamente porque foi feito dela um país sem ser ainda uma **nação**! Todos nós sabemos que estes países estão divididos internamente por culturas total-

mente diferentes. Falando inclusive línguas estranhas umas às outras dentro de um mesmo território! Estão unidas - olhando ainda os exemplos acima embora no mundo existam muitos outros - por "frágil solda econômica" e por interesses políticos. Não possuem ainda a **liga da cultura**. E todos nós sabemos que na **liga** - bem diferente da simples solda que apenas junta pedaços de metais - na **liga**, os metais se interpenetram e, unidos, adquirem propriedades novas, uma nova e única identidade.

O **Brasil** sem nenhuma patriotada - que **Deus** nos guarde! - não obstante nossas dolorosas dificuldades é uma **nação** que já passou pelo estágio de **país**.

Ao lado de nossa extensão territorial, diversidades climáticas, econômicas e raciais falamos uma só língua e guardamos maneiras semelhantes de ser. Do mesmo modo fazemos com o nosso folclore tão diversificado, com nossa música idem. Também guardamos nossa afetividade à for da pele, nosso jeito de ser. Podemos dizer sem triunfalismo que somos unidos por **forte liga** chamada **cultura**.

Itamar Bonfatti
Ex-Presidente Nacional MFC



Quando se deseja destruir um **povo** e com ele a sua consciência de **nação** - mesmo mantendo as suas fronteiras reconhecidas - basta torpedear a sua **cultura**! Trata-se de guerra silenciosa, barata e sem prejuízos diplomáticos. Sem alaridos e reuniões do Conselho de Segurança da ONU ou das incômodas manchetes que são capazes de sensibilizar a opinião pública.

Mantenhamos assim a conquista de nossa **cultura** tupiniquim, nosso jeito de ser. Estão aí as **festas juninas** outra das muitas **ligas fortes** de nosso País. Do mesmo modo a foliade-reis, a malhação-de-judas, festas de barraquinhas nos adros de igrejas e nosso gostoso carnaval (não confundi-lo com o turismo da Marquês de

Sapucai, por favor). Conservamos **religiosamente popular** esta liga-forte que a Igreja de **Deus** nos deixou na América Latina. Incluir a singeleza de nosso presépio mas excluir "árvores-de-natal" e "papai noel" simpáticas culturas trazidas pelos nossos missionários... de **outras culturas**. Sem falar no "coelho-de-páscoa" que bota ovo e... confusão na cabeça das crianças gerando conflitos porque mamíferos não se reproduzem como aves!

Chamar a atenção dos filhos mostrando-lhes como o **religioso** passa através das sanfonas e das quadrilhas. E por quê não pelas pamonhas e pelo quentão? Na fogueira e na pipoca que salta! Como **família** temos sido **liga forte** ou **solda mixuruca** desta **Nação Brasil**?

Mosaico de problemas

As soluções cada vez mais urgentes para os graves problemas sociais tardam a surgir. Suas conseqüências se exacerbam. A mais teatral e ruidosa é a crescente violência urbana. As mais dolorosas e silenciosas são a fome, a falta de moradia digna e de atendimento à saúde, a falência da educação pública e seus desdobramentos perversos: o trabalho escravo, a exploração do trabalho de crianças, a prostituição de menores, e tantas outras formas de desumanização intoleráveis.

O Programa Comunidade Solidária lançado pelo governo demora a decolar e ainda não promete ações de alcance proporcional ao tamanho dos problemas. Terá que ser mais ágil e ousado, não se limitar a atenuar os efeitos dos desequilíbrios sociais mas atuar sobre suas causas estruturais.

É claro que as ações de emergência anunciadas para atender aos 100 municípios mais pobres do país são mais que bemvindas e devem estender-se aos demais, já que a pobreza é nacional. Mas medidas mais radicais são urgentes. E

possíveis. Muitas têm sido propostas por quem entende dessas coisas. São viáveis, mas despertam reações de setores privilegiados ou caem no vazio do boicote da mídia. Alguns exemplos merecem destaque.

Estão apodrecendo nos armazéns arrendados pelo governo 2 milhões de toneladas de arroz, 1 milhão de trigo, 200 mil de farinha de mandioca e 50 mil de fécula de mandioca. Betinho já tem esse levantamento em mãos. Faça um cálculo simples e descobrirá que só esses 4 produtos podem garantir a alimentação básica de 22 milhões de brasileiros durante um ano. Se for montado um competente e honesto plano estratégico de transporte e distribuição desses alimentos, sem atravessadores e gente esperta pelo caminho, e se o sistema de armazenagem de estoques reguladores do governo passar doravante a substituir os armazéns alugados a peso de ouro, pelos estômagos dos famintos que não cobram aluguel, temos a impressão de que algo muda no país.

Equipe de Redação

A violência nas cidades e no campo é a mais ruidosa conseqüência dos desequilíbrios sociais, e tende a crescer se não for adotada uma verdadeira e corajosa política social capaz de restabelecer a justiça.



Mas haverá interesses econômicos poderosos contrariados, que demonstrarão os perigosos efeitos dessa política sobre o mercado de cereais com reflexos terríveis sobre as bolsas internacionais, etcétera.

O projeto da renda mínima, é de difícil mas possível implantação. São muitas as manifestações de simpatia. Mas não anda. Se bem planejado e executado, e pouco a pouco aperfeiçoado, pode mudar a face da miséria que nos envergonha. Reduzirá, inclusive, a população das prisões. Porque ficamos sabendo que custa entre 500 a 600 reais mensais manter um preso. Ora, a quase totalidade deles lá não estaria

se tivesse essa renda mensal. O que falta, mesmo, é vontade política coletiva para tornar realidade essa idéia simples e criativa.

Cada uma destas possíveis soluções para esse triste mosaico de problemas sociais só será realidade se houver uma retumbante pressão popular. Ou se os setores privilegiados da sociedade descobrirem definitivamente que a guerra urbana que os ameaça, com seus tiros e seqüestros, é apenas a primeira das conseqüências dolorosas dessas disparidades sociais que não tardarão a agravar-se a curto prazo, com ou sem exército nas ruas.

(S. & H.A.)

"Neoliberalismo é o capitalismo selvagem com porte de arma e habeas-corporis preventivo". (Luiz Fernando Veríssimo).

Pontos para uma possível reflexão

1º Ponto

Todo homem procura encontrar um valor básico que, associado a outros valores válidos, dêem sentido e orientação à sua vida. Percebe, no entanto, que jamais conseguirá, por si mesmo, descobri-lo a partir da estaca zero, pois lhe falta tempo suficiente, mesmo que os anos de sua vida sejam muito mais longos de que realmente são.

Compara por isso, situações, vê como elas foram enfrentadas e resolvidas por pessoas consideradas por ele como testemunhas referenciais procurando suprir, desse modo, a impossibilidade com que se defronta, ao tentar descobrir, isoladamente, os valores básicos e essenciais que orientarão seu caminhar, construindo, ao mesmo tempo, a espinha dorsal de sua vida.

Procura descobrir então como essas pessoas - testemunhas referenciais por ele escolhidas - se posicionaram diante de certas situações e da exigência de valores que então lhes pareciam válidos, com a esperança que neles depositaram e que os levaram a entregar-se, sem reservas, à possível

José e Beatriz Reis
Presidentes do IBRAF

realização do que haviam entrevisto.

Isto significa que os dados ou valores mais decisivos e importantes para nossa realização humana são descobertos, aceitos e assumidos, não de modo isolado, não por meio de normas ou preceitos teóricos impostos por autoridades exteriores, mas sim através de análise e aceitação de vivências e experiências a nós transmitidas por outras pessoas que, por esses valores, entregaram suas vidas.

2º Ponto

Descobrimos ainda, do mesmo modo, que se forma, em cada um de nós, conseqüentemente, uma escala de valores, tendo como ponto de convergência um valor considerado absoluto ou dominante e que serve como ponto de referência.

A adesão a esses valores assim descobertos e hierarquizados permite a cada um de nós situar sua vida, analisar e criticar os acontecimentos do seu tempo, de sua cultura, de sua história, ao mesmo tempo em que aceita, lucidamente, correr os riscos e sacrifícios necessários à execução da opção tomada.

A vivência dessa escala de valores através de determinados sistemas instrumentais constitui uma linha de demarcação radical entre os homens, estruturando valorativamente a existência humana, levando cada pessoa a externar sua fé em determinados valores, em religiões que lhes sejam condizentes, e possibilitam que eles sejam vividos em circunstâncias concretas. Isto mostra a necessidade de que os valores descobertos e aceitos sejam externalizados através de uma ideologia (ou método de instrumentação) que os transformem, de conceitos teóricos, em práticas vivenciais.

Desse modo, a fé colocada nesses valores - que chamaremos de fé antropológica - dá uma estrutura valorativa à vida de cada homem; a organiza e usa sua energia vivencial subordinando ao valor considerado como prioritário, o uso de todas as mediações, mesmo com o sacrifício de outras alternativas de vida.

3º Ponto

Por isso, através dos tempos, tem sido atribuída às religiões um papel talvez excessivamente instrumental ou ideológico, como a indicação de métodos ou procedimentos considerados necessários à possível descoberta e aceitação de valores pré-estabelecidos considerados definitivos, sem levar em

Nossa escala de valores converge num valor considerado absoluto como ponto de referência

consideração, muitas vezes a estrutura e as exigências desses mesmos valores.

Acontece que, por isso, as religiões costumam perder de vista a importância e a hierarquia desses valores, levando apenas em consideração os métodos e instrumentos que, supostamente, possam levar cada homem a realizar-se integralmente.

Essa confusão do plano dos valores que dão significado à vida com o plano de eficácia (fruto dos métodos ou instrumentos usados) leva muitas vezes os homens a buscarem efeitos mágicos, sobrenaturais e imediatos à solução de problemas, diante dos quais a ciência ainda se mostra impotente. Em conseqüência, muitas vezes a dimensão religiosa é percebida e praticada apenas como instrumental puramente ideológico, perdendo sua dimensão de fé, tal como a colocamos aqui.

Percebemos então, se refletirmos sobre o problema, a necessidade que existe, para cada um de nós, da conscientização dos valores percebidos, na escolha dos métodos ou instrumentos a serem usados para que possamos encarnar

esses valores, sabendo que, na realidade complexa que vivemos, esses métodos ou mecanismos ignoram as motivações que nos movem, bem como ignoram a estrutura dos valores perseguidos e a lógica interna que dá sentido à nossa vida.

4º Ponto

Percebemos ainda que, para poder realizar os valores entrevistados e escolhidos, cada um de nós deve perceber claramente qual o objetivo que busca alcançar e a real espessura da realidade na qual o valor deve ser encarnado e vivido. Esse conhecimento objetivo da realidade é necessário para que nós possamos utilizar dela embora ela seja, em si mesma, neutra ou rebarbativa em relação aos valores a serem nela encarnados.

Esse conhecimento nos permitirá ainda descobrir e identificar outros diferentes valores e a medida em que eles poderão ser ou não utilizados na disseminação dos valores por nós considerados fundamentais, bem como identificar de modo consciente o preço que teremos que pagar se quisermos trabalhar para promover o valor considerado por nós como absoluto.

5º Ponto

Crescendo cada vez mais no conhecimento dos condicionamentos complexos e profun-

Os critérios religiosos são apenas métodos que devem ser julgados por critérios mais altos, válidos por si mesmos

dos que formam nossa realidade, conheceremos melhor como é em que medida eles condicionam também, em nós, a busca e a vivência dos valores que nos parecem essenciais, bem como a construção da hierarquização desses valores diante dos desafios que nos são apresentados.

Perceberemos cada vez mais claramente que a instrumentação proposta pelas religiões jamais nos poderá oferecer uma escala pronta e pré-fabricada de valores.

Ela pode mostrar-nos, apenas, maiores ou menores possibilidades de aceitação, complementação ou repúdio desses valores e das culturas ou realidades de cada época histórica.

O uso da instrumentação não determina a estrutura significativa de nossa vida; indica apenas os métodos ou caminhos que poderão ou não levar à conquista dos valores buscados.

Num processo de evangelização, por exemplo, não se trata de propor ou impor métodos ou instrumentos mais ou menos eficazes, nem de substituir a fé a que nos referimos por eles, mas sim de, cada um

determinar, pela fé, aquilo a que vale a pena dedicar sua vida e a que valor (ou ordem de valores) deverá entregar suas possibilidades de viver e de lutar.

6º Ponto

Tudo isto deixa bem claro que o conhecimento do que é o homem, de suas possibilidades e condicionamentos em cada época histórica e no espaço em que vive é imprescindível para a descoberta e a escolha dos caminhos usados para sua evangelização.

Inaugura-se, com essa nova compreensão da realidade, uma nova escala de valores segundo a qual não se conhece a Deus nem se pratica a religião senão na medida em que se dá um valor principal às necessidades e anseios dos homens e a seus projetos de vida - mesmo no seu aspecto puramente secular - sempre e não apenas conjunturalmente.

7º Ponto

Nesse aspecto, a posição tomada por Jesus é clara e radical, ao dizer que o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Dá-se aí a relativização da instrumentação considerada até então necessária, em vista de um valor mais alto e talvez esquecido.

A proposta dessa nova escala de valores supõe que sejamos capazes de identificar, em

Não conhecemos a Deus se não damos um valor principal às necessidades e anseios dos homens

situações novas e desafiantes, o que é realmente bom para o homem, e a relativização óbvia do plano puramente religioso como critério último do reconhecimento dos valores permanentes.

Tornam-se então características básicas da moralidade cristã os pontos centrais do projeto humano, aquilo que o coração do homem percebe e adota diante da necessidade e dos anseios de seus semelhantes.

Diante disto, os critérios simplesmente religiosos têm apenas uma dimensão funcional, são apenas métodos que devem ser julgados por critérios mais altos (valores) válidos em si mesmos, pois o mundo geralmente proposto pelas religiões é configurado mais pela sua dimensão instrumental do que por sua estrutura valorativa. E, nessa apresentação, surgem os preceitos impositivos da lei religiosa em que, antes de saber o que o homem pretende fazer, determinam o uso lícito ou ilícito da pretensão que ainda não foi percebida ou apresentada. Isto porque toda legislação, por religiosa que seja, se é anterior a determinado projeto, permanece

exterior ao homem, lhe advém de fora.

8º Ponto

Precisamos considerar ainda que a própria fé - no sentido em que a consideramos aqui - é sempre limitada pelas circunstâncias em que lhe cabe ou coube viver.

A fé de Jesus - e as atitudes dele decorrentes - não constituem uma exceção a essa regra. Ele se identificou com uma tradição, fez parte de uma história determinada, apresentou-se como fruto de um longo processo de testemunhos referenciais que lutavam por valores às vezes vitoriosos, às vezes vencidos. E a tradição adotada por Jesus não era uma escola de doutrinação, não se regia pela lógica dos argumentos e sim por experiências vivas de testemunhas referenciais.

Sobre a fé antropológica dessa tradição - e não apesar dela! - a espera do reino de Deus - pregou e solidificou a fé religiosa e a pregação da boa nova, descobrindo a dimensão transcendente da fé e da esperança antropológicas transmitidas pelas testemunhas bíblicas. Essa atitude permitiu aos seus discípulos reconhecer e discernir dados transcendentais genuínos que se tornaram, por assim dizer fatores determinantes das estruturas significativas existentes, sem destruir a primazia dos valores humanos pré-existent.

A fé autêntica deve se expressar em práticas eficazes para tornar realidade os valores por ela assumidos

Essa atitude de Jesus demonstra claramente que a fé religiosa não desconhece nem destrói a fé antropológica, mas sobre ela e somente sobre ela, se edifica.

9º Ponto

À medida que uma fé se torna adulta, encontra-se e sente interpelada pela complexidade da existência e se vê obrigada a construir uma síntese de si mesma com diferentes estruturas vivenciais e com a espessura da realidade cultural que sempre permanece impermeável, optando pela tecnocracia, pelo consumismo, pela burocracia, pelo hedonismo, pelo poder.

Toda fé, em sua autenticidade, precisa pois de encontrar e assumir caminhos de realização dentro da complexidade real - isto é, precisa descobrir sistemas práticos que evoluindo com a própria realidade, sejam eficazes na conquista das metas escolhidas - sabendo, no entanto, que esses caminhos são apenas metodologias aptas, destinadas a tornar possível a realização histórica dos valores visados.



Por isso, o mundo da fé é apresentado no singular, enquanto o dos métodos ou instrumentações se apresenta no plural.

Por isso ainda, jamais uma atitude determinada pode ser colocada como proposta definitiva diante de um valor perene, escolhido de modo definitivo.

Quanto mais madura e consciente for a pessoa, mais terá ela que ser criativa, mais terá que descobrir, por si mesma, qual o melhor caminho a ser trilhado como coerência de sua opção, sem ignorar a complexidade crescente com que a realidade sempre se apresenta.

10º Ponto

Por ignorar essas colocações, muitos identificam fé e religião.

No entanto, a medida que a realidade e seus caminhos intrincados e imprevisíveis vão relativizando o intento de se imporem soluções pré-fabricadas ao problema da conquista e realização dos valores, aparece claramente a necessidade e a importância de cada pessoa procurar aprender a aprender, com os testemunhos por ela escolhidos, como proceder diante dos problemas, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes aos enfrentados por ela aceitando, nessa opção sempre revista, sua própria capacidade de errar.

A submissão passiva a preceitos religiosos pode se transformar em fuga a responsabilidades mais exigentes da fé cristã

11º Ponto

Essa consciência, cada vez mais clara, impede que identifiquemos fé religiosa e religião, absolutizando uma série de instrumentos ou metodologias de caráter social tendendo a fechar ao homem o caminho da iniciativa e da responsabilidade pessoal diante dos desafios que lhe são apresentados, oferecendo-lhes soluções pré-fabricadas e orientações dogmáticas, impostas de cima para baixo, baseadas em obrigações impostas e não em opções pessoais.

Acontece que o mundo puramente ideológico e instrumental muitas vezes imposto pelas religiões, fornece aos homens uma escapatória diante de valores e situações que o desafiam, desviando-o de sua responsabilidade dentro da realidade que o circunda, levando-o a ignorar as necessidades de seus semelhantes, principal fonte das suas estruturas significativas.

12º Ponto

Temos portanto que tomar consciência da existência de um mundo de valores, mundo em

movimento que se opõe a uma religião que se apresenta como mera instrumentalidade, totalmente desvinculada desse mundo de valores e imune ao caminhar da história, de suas necessidades e conquistas.

13º Ponto

Jesus manifesta e proclama sua fé apelando a valores humanos pré-existentes (construção do reino de Deus por exemplo) pedindo uma conversão - isto é, modificação da atitude valorativa então vigente. Isto supõe que certas estruturas de valores são abertas a se converterem em outras superiores, situadas na mesma linha.

Essa nova estrutura de valores não substitui nem anula a estrutura anterior, mas a fundamenta na identidade dos valores já existentes, recusando-se a convertê-la num sistema de instrumentalidade sagrada ou mágica.

Fica demonstrado também que uma estrutura de valores, vivida em sua singularidade e em sua exigência de fidelidade, revela Deus de modo muito mais evidente do que qualquer conceito doutrinário.

14º Ponto

Nós, cristãos, com nossa conduta religiosa, moral e social, podemos ser conhecidos e aceitos como imagem e seme-

O amor, como centro da mensagem cristã tem sido reduzida a nada na prática e na mentalidade comum dos cristãos

lhança de Deus, como cooperadores da construção do seu projeto de salvação que se revela hoje no transcorrer de nossa história?

A afirmação central da mensagem cristã "**Deus é amor**" tem sido sistematicamente reduzida a nada no pensamento teológico dominante e mesmo na prática e na mentalidade cristã corrente.

O mesmo tem acontecido

@ *Que distinção fazemos entre fé e religião?*

@ *O que é, para nós, o centro essencial e imutável da nossa fé?*

@ *As práticas e orientações religiosas são imutáveis? Ou têm evoluído com a cultura e o avanço das ciências humanas? Exemplos.*

@ *Quais as práticas religiosas que a nosso ver melhor expressam a vivência dos valores centrais da nossa fé? Justifiquemos.*

@ *O que significam para nós a redução de todos os mandamentos à lei do amor e a afirmação de que a fé sem as obras não tem valor? Ler os textos bíblicos correspondentes e comentá-los.*

com a base de sua metodologia - ponto central e nevrálgico - onde se unem a fé e os seus possíveis instrumentos de realização: "Amai-vos como eu vos amei!"

Agora que muitos se preocupam mais diretamente com o problema da evangelização da família será que uma reflexão sobre os pontos aqui colocados não nos poderia ser útil e necessária para sermos capazes de situar melhor os caminhos a serem seguidos?

Escrevemos essas reflexões tendo por base os quatro primeiros capítulos do 1º volume de "O Homem de hoje diante de Jesus de Nazaré", de Juan Luís Segundo.



Comida e emprego.
Antes que seja tarde.

Celebração do amor e da vida

Liturgia para um casamento

Acolhida pelo Sacerdote:

Meus irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos aqui reunidos, pais e irmãos, padrinhos, parentes e amigos de L (noiva) e M (noivo), para acolhermos esse casal e testemunharmos o seu compromisso de amor.

Nesta celebração comunitária, querem compartilhar com todos os seus parentes e amigos, a alegria da sua união, fundada num amor que não se fecha no seu pequeno mundo, mas abre-se para o serviço generoso a todos os que deles precisarem, para assim participarem da construção do Reino de Deus, desde aqui e agora, "assim na terra como no céu".

Leitor:

Deus assim nos fez,
homens e mulheres,
à sua imagem e semelhança,
um pouco como Ele mesmo,
para o encontro perfeito,
em reciprocidade e alteridade,
para a possibilidade
de vida plena e abundante.

Leitora:

Homens e mulheres,
às vezes se esqueceram
dessa imagem e semelhança.
Tornaram-se metades
que se pensaram complementares.
Não sendo inteiros,
não puderam ser parceiros,
perderam a transparência,
fugiram à comunhão,
dominaram
ou se deixaram dominar,
perdidos no medo, na culpa,
tão próximos e tão distantes,
tão possivelmente íntimos
mas tão sozinhos.

Todos:

Mas o homem e a mulher,
de honra e glória coroados,
redescobrem-se íntegros,
não metades incompletas,
seguem em busca de si mesmos,
em busca do outro,
se descobrem,
se revelam,
se reclamam.
E a canção eterna adormecida,
no fundo do coração,
faz vibrar seus corpos,
divinamente humanos,
explode a paixão e o desejo,
humanamente divinos.

Leitora:

É porque
o homem e a mulher,
de amor são feitos,
em amor são refeitos,
inteiros e íntegros,
imagem e semelhança de Deus.

Leitor:

Homens e mulheres,
aqui reunidos,
com L e M,
na mesma alegria da busca e entrega,
que hoje celebram,
vamos ler na Sagrada Escritura:

Todos:

"O amor é inquebrantável como a morte,
a paixão inflexível como o sepulcro.
O fogo ardente do amor
é uma chama divina.

A água de todos os mares,
não pode apagar essa chama,
nem os rios a podem extinguir.
Se alguém oferecesse
todas as suas riquezas,
em troca do amor,
só desprezo teria" (8.6b-7).

Celebrante:

L e M, a união de um homem e uma
mulher, fundada no amor verdadeiro, é a
mais bela e delicada expressão, símbolo
e sinal do amor de Deus por nós, seu
Povo escolhido.
É assim que vocês vivenciam a sua
união?

M:

Pouco a pouco descobrimos, que o amor
que nos uniu, é um reflexo do amor de
Deus por nós, ainda que marcado por
nossas limitações humanas.

L:

O amor de Deus, que tomamos como
modelo, é gratuito e paciente, fiel e
fecundo, humanizador e libertador, amor
de doação, capaz de dar a vida pelo
outro.

Me L:

Por isso, queremos proclamar, diante
dos nossos pais e irmãos, padrinhos e
sacerdote, parentes e amigos, aqui
reunidos, que a nossa união é sinal e
sacramento do amor de Deus,
partilhando, com todos vocês, a alegria,
que neste momento, nos envolve e
arrebata.

Celebrante:

Em nome da comunidade aqui reunida, e
da Igreja, o Povo de Deus a que vocês
pertencem, eu testemunho que a união
de vocês é Sacramento do Amor desse
mesmo Deus. Esse Sacramento será
canal de graças abundantes com que o
Senhor estará sempre iluminando suas
vidas, e fazendo fecunda e
humanizadora a presença
transformadora de vocês no mundo em
que formarão uma nova família, para que
nele venha a predominar a justiça e
sobre ele transborde esse amor que
cimenta a sua união.

Todos: Assim seja! Amém!

(Música)

Leitor:

L e M, enquanto vocês se preparavam
para esta celebração, vivenciaram
muitos diálogos, dedicaram-se a leituras
que aprofundavam a compreensão do

mistério do amor.

Leitora:

De tudo o que leram e dialogaram, o que
lhes tocou mais fundo, e que vocês
gostariam de compartilhar com todos
nós, que hoje os acompanhamos?
(A noiva e o noivo dirão o que mais os
tocou na sua preparação ao casamento.
Seguem dois textos como simples
exemplos de como podem ser inseridos
na liturgia e servirem de base para
intervenções do celebrante sobre a
natureza mesma da união do casal)

L:

[Gostaria de reler as palavras de Tristão
a Isolda: "Nós dois somos como a
madressilva, quando se enrola à volta do
ramo da aveleira: uma vez a ela ligada e
presa, ambas podem durar juntas
eternamente, mas, se as querem
separar, a madressilva morre em pouco
tempo e o mesmo sucede à aveleira".]

Celebrante:

Por isso, nós proclamamos, como disse
Jesus, que a união do homem e da
mulher, fundada no amor verdadeiro, é
eterna, e só a morte pode separar por
algum tempo.

M:

[Fui tocado pelas palavras do Padre
Dalton: "Amar o outro passa a ser, de
fato, aceitar se modificar, aceitar ser
modificado. E o diálogo daqueles que se
unem se torna expressão do desejo de
serem um, cada qual permanecendo ele
próprio".]

Celebrante:

Por isso, proclamamos, que Deus os
uniu para que sejam uma só carne, sem
deixarem de ser, cada um, uma pessoa
humana completa, dotada de dignidade e
integridade intocáveis, por serem Sua
imagem e semelhança.

Troca da Alianças.

Leitor:

L e M, para o ser humano, as coisas e
gestos mais simples podem ganhar um
rico simbolismo, capaz de marcar
profundamente suas vidas.

Leitora:

Esses gestos e objetos simbólicos, uma flor ou uma carícia, podem tornar-se sinais e sacramentos humanos, símbolos de realidades e sentimentos que os ultrapassam.

Celebrante:

Vocês escolheram anéis de ouro como símbolo da sua união. Eu abençôo essas jóias pelo que elas representam, por escolha de vocês. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O que pretendem fazer com elas?

M:

L, eu te ofereço este anel, como símbolo da nossa união de amor, neste momento que te recebo como minha esposa, a quem quero amar e respeitar, nos tempos de alegria e em tempos de tristeza, em tempos de luta e nos tempos de paz, na saúde e na dor, em cada dia de nossas vidas.

L:

M, eu também te ofereço este anel, como símbolo da nossa união de amor, neste momento em que te recebo como meu esposo, a quem quero amar e respeitar, nos tempos de alegria e em tempos de tristeza, em tempos de luta e nos tempos de paz, na saúde e na dor, em cada dia de nossas vidas.

Celebrante:

Que Deus acolha seus projetos de vida e esteja para sempre presente no coração da família que vocês constituem, diante de Deus e dos seus parentes e amigos mais queridos.

(Música)

Celebrante:

L e M, amigos muito amados, digam-nos, agora, o que pretendem, ao unir suas vidas, no mesmo projeto de amor.

L e M:

"Nós partiremos juntos, deixando para trás, livros e teorias. Partiremos juntos, para a aventura e o infinito".

Todos:

L e M

partirão juntos para a aventura e o infinito.

Celebrante:

Deixarão seu pai e sua mãe, deixarão bagagens e preconceitos, pequenos planos e pequenas paixões, para se entregarem um ao outro, sendo dois uma só carne.

Todos:

Sendo as duas vidas uma só vida, cada um sempre mais se revelando ao outro. E nessa revelação descobrindo, juntos, o caminho que os espera, caminho que os levará à aventura e ao infinito.

L e M:

E em nosso caminhar para a aventura e o infinito, "legaremos às gerações futuras os louvores do Senhor, seu poder e suas obras".

Todos:

"E assim, todas as gerações O conhecerão e seus filhos, e os filhos de seus filhos, colocarão em Deus toda a sua esperança". (Sl 77, 6-7)

Celebrante:

"Cantai ao Senhor um cântico novo. Cantai ao Senhor por toda a terra. Cantai ao Senhor e bendizei o Seu nome.

A obra de Sua salvação anunciai todos os dias.

Proclamai a sua glória a todas as nações, entre todos os povos as suas maravilhas (Sl 95, 1)

(Música)

Leitor

Eis que a aventura e o infinito se vão, aos poucos delineando.

Leitora:

Passam a ser um caminho real, e não fuga para as estrelas.

L e M:

Presentindo as dificuldades as pedras do caminho, sentindo já nos pés os ferimentos do cansaço pedimos a vocês, que orem por nós, sejam nosso sustento, se nos virem fraquejar.

Padrinhos:

Seremos para vocês guardiães desse sonho lindo que hoje,

na alegria nos revelam.

Pais:

E nós, chegados à maturidade, lhes daremos proteção como quem questiona e aponta novos caminhos para que o sonho não se perca mas antes permaneça sempre vivo e luminoso.

Celebrante:

E eu, em nome do Senhor, serei como o servo fiel, pronto a ajudá-los, mostrando-lhes a força da graça de Deus, nas situações mais diversas, nas encruzilhadas da vida.

Todos:

E juntos descobriremos no dia a dia da vida, que tudo é graça, Senhor, e que conosco caminhas,

tu, nossa aventura, tu, nosso infinito!

Celebrante:

E agora, selando ainda mais profundamente essa união, convido a todos que o desejarem, segundo a sua fé, a participarem, conosco, da comunhão do corpo do Senhor Jesus. Desse corpo que entre todos repartido, como repartidos deverão ser todos os bens da natureza e os frutos do trabalho do homem, conserva a sua integridade original, reunindo, no corpo total, todos os homens, enfim irmãos.

Comunhão

Celebrante:

Irmãos. Rezemos juntos a oração que o Senhor nos ensinou: Pai Nosso...

(Música durante a comunhão)

Bênção final e unção da paz.

Celebrante:

Vamos juntos, agora, invocar as bênçãos de Deus para L e M, estendendo nossas mãos sobre eles, dizendo:

Todos:

Que o Senhor Deus e Pai, derrame sobre L e M, graças abundantes, para que neles cresça a cada dia, o Sacramento que hoje proclamaram.

Que o seu amor, seja sempre mais brilhante reflexo do amor de Deus, fiel, gratuito e libertador.

Que sejam felizes, em todas as circunstâncias de uma vida longa e fecunda.

Que possam ver igualmente felizes seus filhos e seus netos.

Que lhes seja doce a velhice, com que culmine uma vida comprometida com o bem comum.

Que sejam, assim, exemplo de vida para todos que com eles convivemos.

Que Deus Pai, Filho e Espírito Santo, os guarde para sempre.

Assim seja! Amém.

Unção da Paz.

Leitora:

O celebrante marcará L e M com perfume de flores para simbolizar a paz que lhes foi transmitida nesta bênção.

Em seguida, esse mesmo perfume, será aspergido sobre todos os presentes, para simbolizar essa união de todos na paz do Senhor.

Celebrante:

Que a paz do Senhor esteja com M e L e com todos vocês e permaneça para sempre em suas famílias.

Todos:

Assim seja! Amém!

(Música)

"Não matarás"

É chegado o momento de manifestarmos publicamente nosso repúdio às inúmeras tentativas de legalização do aborto no Brasil.

O aborto por definição, é a interrupção de uma gravidez, antes da 28ª semana. Ele pode ser espontâneo ou provocado. Por independe da vontade, o aborto espontâneo não constitui crime, o que obviamente não ocorre com o provocado.

O aborto criminoso possui, sem dúvida, numerosos adeptos que por ignorância médica, moral e religiosa, o defendem com unhas e dentes. Pior que os defensores interesseiros que vêm na legalização do aborto uma invejável e fácil fonte de renda inescrupulosa, uma solução para problemas sócio-econômicos dos brasileiros, um meio de desviar a atenção do povo dos problemas mais sérios que afligem a grande massa de marginalizados.

Há quem afirme que os abortos no Brasil vão a quase três milhões por ano e que eles são feitos na clandestinidade.

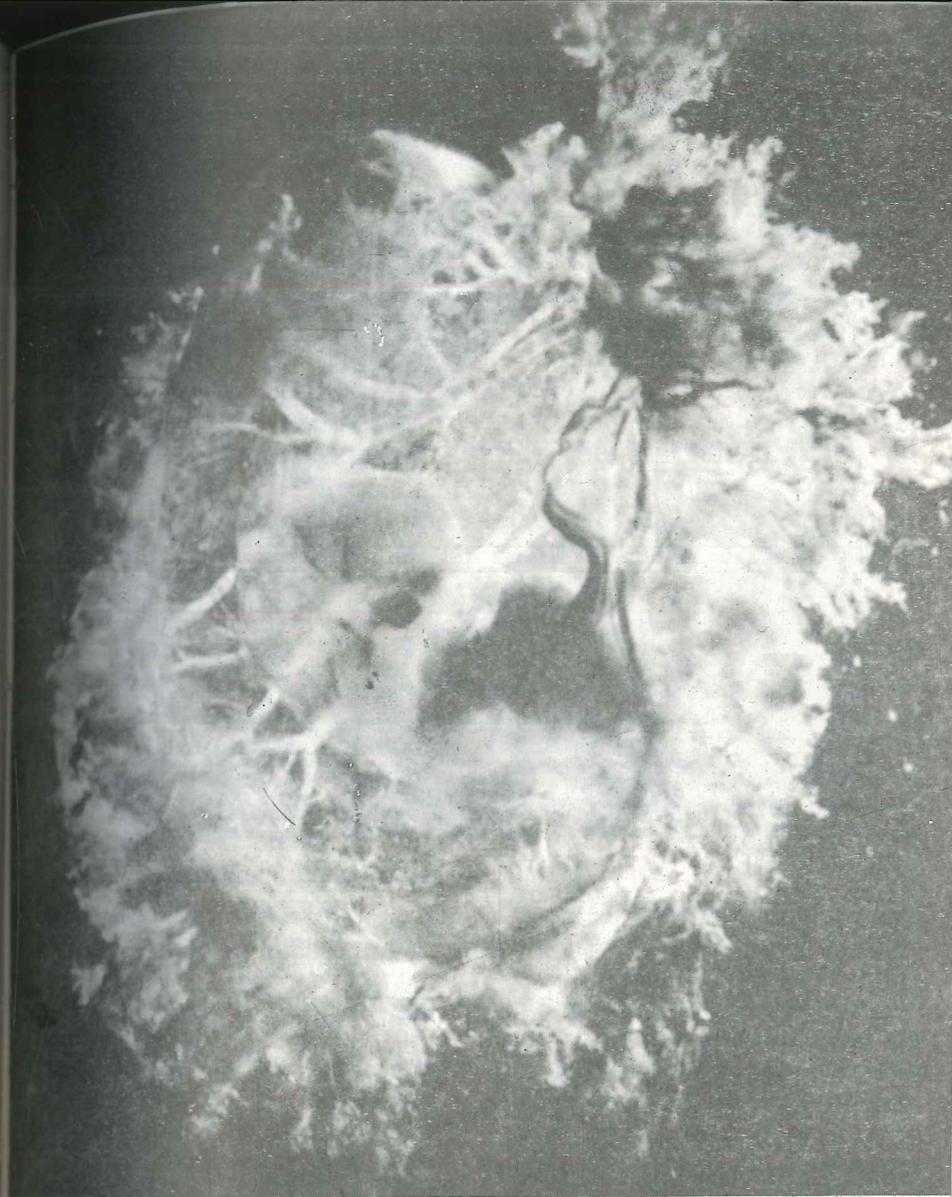
Pedro Roumié
Médico

Seria bom que os que assim afirmam nos dissessem como é que conseguiram esses dados já que esses abortos são clandestinos. Ou será que já se sabe quem faz aborto e não se punem os mesmos pela infração e inflação?

Justificar a legalização desse crime argumentando que é melhor oficializá-lo do que tê-lo na clandestinidade é o mesmo que dizer que devemos oficializar os assaltos, os desfalques e todos os atos e atentados à Lei que são praticados à sombra da justiça.

"Na Austrália, um país pouco povoado, existem perto de 90 mil abortos anuais (um aborto para cada dois nascimentos). Considerando esse fato, um deputado italiano argumenta que "o extermínio de outros tantos cangurus provocaria um dilúvio de protestos e proposições, enquanto ninguém parecia querer mover um dedo contra a eliminação de um número igual de seres humanos". E no Brasil quem defenderá a vida?"

Para mim, como médico, a vida começa na concepção.



quando duas células germinativas chamadas espermatozóide e óvulo se unem perdendo sua individualidade e compondo uma nova célula chamada ovo, que contém o código genético de um novo indivíduo, original e inigualável. A partir da fecun-

dação já existe vida que deve ser respeitada e amparada apesar de frágeis pretextos para exterminá-la.

Penso que um grande desafio nos dias de hoje é justamente convencer os defensores

do aborto criminoso, quando começa a vida humana.

Nenhum teólogo encontrará resposta a esta pergunta, buscando apoio nos textos da Revelação. Não serei eu, um simples ginecologista, certamente quem o fará. Posso, contudo, dentro dos limites que a ciência genética me oferece neste momento e que por força de minha especialidade sou obrigado a conhecer, posso, repito, tentar oferecer dados e opiniões. Para opinar, nesta ocasião, tenciono oferecer minha humilde colaboração no encontro da verdade e colocá-la entre aqueles a quem S. Tomás de Aquino agradecia quando dizia: "Então sejamos agradecidos, não só aos que nos transmitiram a verdade e cujas opiniões seguimos, mas também aos que, ao investigarem a verdade, falaram superficialmente dela, e cujas opiniões não seguimos..."

Haroldo Brand nos lembra, em seus estudos genéticos, que a fecundação é a penetração do espermatozóide e a fusão do núcleo deste com o do óvulo, formando um só. Diz ainda este famoso geneticista que a "importância biológica deste fato é fundamental, pois neste instante todas as características hereditárias do novo ser são determinadas".

Tão logo ocorre a união dos dois núcleos celulares, o ovo inicia a sua divisão. No terceiro dia mais de uma dúzia de célu-

A discussão sobre o aborto desvia a atenção do povo dos problemas mais sérios que afligem a grande massa de marginalizados.

las já constituem a mórula. É bom já começarmos a perceber que *este ovo está animado de uma atividade*. Pois bem, as células que constituem a mórula são de tipos diferentes. umas são maiores e outras são menores. As maiores formarão o embrião, as menores (trofoblastos) constituirão os anexos embrionários *destinados a proteger e alimentar o embrião* (placenta, cordão umbilical, etc.). É a natureza que já se antecipa a proteger e nutrir um ovo todo especial. Isto para mim é muito significativo.

É interessante frisar que já neste instante todas as células componentes da mórula são distintamente humanas e diferem das outras espécies animais. Também é importante dizer que o tempo desde a ovulação até que o ovo atinja a cavidade uterina, onde se implantará, é de cerca de quatro dias e meio e entre o sexto e oitavo dia ele já estará sendo nutrido pela mucosa uterina.

Este ser humano, com quatro semanas de existência, mede menos de 2cm, mas já possui estrutura básica de todos os órgãos vitais. Seu coração já bate cerca de sessenta vezes



por minuto e a natureza protege-o envolvendo-o dentro de um saco cheio de líquido (líquido amniótico). Mais uma vez quero destacar a preocupação da natureza para com o novo ser e assim ele não sofrerá a ação de choques e movimentos bruscos. Este envoltório é a conhecida "bolsa d'água".

Embora tenha menos de 3cm de comprimento, pese menos de 10g e ainda esteja por volta da sétima semana, o ovo apresenta características e os órgãos internos de um futuro adulto. O cérebro transmite alguns impulsos para coordenar

o funcionamento de outros órgãos e o estômago produz alguns sucos digestivos.

Aos dois meses reage a um toque na face, movendo os braços, e, em seguida, virando o corpo levemente, demonstra presença de reflexos.

Mas afinal, onde e quando começa a vida humana?

O dicionário do Aurélio Buarque assim define a vida: "Estado de incessante atividade funcional, peculiar à matéria orgânica, animal ou vegetal; existência". Mais do que nunca, hoje em nossos tempos, graças aos avanços da ciência e da tecnologia, podemos constatar

esse "estado de incessante atividade funcional que não é desordenada, mas, ao contrário, ordenada e continua biologicamente, protegida, já que criada por Deus, sem dúvida.

Os cientistas hodiernos, tentando responder quando começa a vida humana, ainda não têm outra resposta senão a partir da *fecundação* e quando querem criar uma vida não o conseguem senão com a *fecundação*.

É por estes argumentos e outros mais, que em nosso século, quando tanto se fala em defesa da ecologia, respeito à natureza e necessidade de preservação da espécie, que eu invoco o bom senso de cada um e os convoco para defender e respeitar a *vida humana*, como a natureza e, por que não dizer, como Deus o faz, desde a fecundação, quando creio que biologicamente ela começa.

Pacifistas, humanistas, biólogos, cientistas, casais, antropólogos, enfim cada um de nós, seres *humanos*, portanto, racionais, formemos um *movimento em defesa da vida*, desde o seu começo, para sermos coerentes posteriormente, quando lutarmos pelos direitos e pela dignidade da pessoa humana.

O aborto é a violência maior que se comete contra uma vida indefesa. Legalizá-lo é oficializar a violência, tão combatida em nossos dias, num Brasil contur-

@ Como nos posicionamos na questão do aborto como problema social?

bado e carente de soluções prioritárias e mais urgentes. Os brasileiros não resolverão a fome, a miséria cada vez maior, o desemprego, as doenças endêmicas, as injustiças sociais, os problemas de terras, a falta de habitação, etc., com a oficialização do aborto. Muito ao contrário, infringirão um mandamento divino que ordena: *Não matarás*.

O aborto é um desrespeito ao valor da vida humana. Chega de desrespeitos à vida. É preciso pôr um ponto final nesta política irresponsável que despreza o homem, fere sua dignidade e seus direitos fundamentais.

Um homem não é propriedade ou posse do estado, nem tampouco a vida intra-uterina o é.

Aceitar o aborto é rejeitar o ensinamento de Jesus, que disse: "Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10).

Praticar o aborto visando o bem para o indivíduo, no caso a mãe, ou para a sociedade, é infringir o princípio que diz: "o fim não justifica o meio".

Se o aborto for aprovado nas leis brasileiras, mais uma violência será cometida contra a família, injustiçada e oprimida instituição, sobre a qual repousam a responsabilidade maior e a esperança de um mundo novo que há de vir.

As Igrejas e as classes médias ou uma pastoral de classes médias

Jether Pereira Ramalho
Sociólogo

O conceito de classe média tem sido alvo de diversos e aprofundados debates no campo das ciências sociais. Dependendo dos fundamentos interpretativos, da linha metodológica de análise, pode-se chegar a definições diferentes do que se compreende por classes sociais. Para tornar o quadro mais complexo acrescentem-se, também, as substanciais modificações que, com impressionante velocidade, vão-se efetuando, não apenas nas relações produtivas, mas na própria estruturação do tecido social. Portanto, esse é um campo em que as diversas correntes de análise impedem definições dogmáticas ou simplificações fáceis.

Se são verdadeiras essas afirmações para a conceituação de classes sociais em geral, a questão torna-se ainda mais complicada quando se refere ao que costumeiramente se denomina classe média. Muitos cientistas preferem até não empregar o termo classe média usan-

Jether Pereira Ramalho é sociólogo, membro da Igreja Evangélica Congregacional e editor da revista "Tempo e Presença", de KOINONIA.

do expressões mais vagas, menos precisas, tais como, setores médios da sociedade, classes intermediárias, etc. Entretanto o termo classe média foi-se difundindo, ganhou espaço no vocabulário corrente e passou a ser usado comumente nos meios de comunicação social. Devido à força de heterogeneidade da sua composição social e da fragilidade dos critérios de sua definição, há uma forte tendência de empregar-se a noção plural de "classes médias".

Ainda no campo da conceituação, deve-se destacar também a ampliação do termo pastoral. Durante longos anos, principalmente no âmbito das igrejas cristãs de origem protestante, a compreensão do conceito estava muito restrita ou estreitamente vinculada à ação do pastor ou do clero. O desenvolvimento da prática eclesial foi dilatando a compreensão do conceito. Atualmente pastoral refere-se à ação coletiva de parte do corpo eclesial diante de uma questão da comunidade social ou dirigida a determinado

setor da sociedade. Assim foram-se consolidando as pastorais, tais como a operária, a da terra, da criança, dos encarcerados, dos enfermos, dos idosos, da família, e outras. É certo que essa ampliação é mais comum e aceita na Igreja Católica, mas pode-se verificar a mesma visão da pastoral também em diversas igrejas evangélicas.

No campo eclesial

São inegáveis as rápidas e abrangentes modificações na composição das comunidades das igrejas evangélicas, quando se incluem no perfil as de corte pentecostal. Também detectam-se novas ênfases e prioridades, além da mudança no quadro de fiéis, na Igreja Católica hoje.

Nas últimas décadas, o acelerado crescimento dos mais diferentes ramos do Pentecostalismo e da onda carismática nas igrejas do Protestantismo Histórico colocaram as comunidades tradicionais protestantes, que tinham sua base principal nas classes médias ou pelo menos eram pautadas pela ética e pelo comportamento desses setores da sociedade, numa encruzilhada bastante complicada: ou aderir ao movimento carismático ou fazer uma radical opção em trabalhar com os setores populares. Ambas as hipóteses eram de difícil assimilação.

As expectativas das Igrejas sobre os papéis das classes médias tradicionais não se concretizaram.

Desde os primórdios as igrejas do Protestantismo Histórico traçaram uma estratégia e privilegiaram a atuação entre as classes médias, dando ênfase à educação, à saúde, ao bom comportamento, à honestidade e à eficiência. Essa estratégia aparece muito claramente nos planos da implantação do Protestantismo na América Latina. O livro "O crescimento da Igreja na América Latina", de William Read, Victor Monterroso e Harmon Johnson descrevendo os planos das missões que vinham atuar no nosso continente, afirma: "Os acontecimentos passados e presentes, que afetam diretamente os setores médios, oferecem provas evidentes de que o futuro reserva consideráveis promessas políticas para eles... Se esse ponto de vista é válido, então a Igreja Evangélica deve concentrar seus esforços na classe média, pois nela estaria o futuro da Igreja. Seria necessário que as igrejas evangélicas desenvolvessem novos métodos para alcançar as classes médias, posto que os antigos métodos não têm funcionado bem. Se a Igreja puder conquistar esses setores, a batalha da América



Um dos desafios para a atuação dos cristãos das classes médias é o engajamento nas tarefas de educação popular, numa proposta pedagógica participativa, conscientizadora e libertadora, capaz de reverter o tremendo desequilíbrio entre as oportunidades que se oferecem aos ricos e aos pobres, por um sistema educacional público precário ou inexistente para a maioria.

Latina estará ganha, visto que os elementos da classe média serão os formadores de decisões, serão os inovadores, serão aqueles que brandirão poder e influência" (p. 269).

Acontece que as expectativas sobre o papel das tradicionais classes médias, tanto na sociedade em geral, como nas igrejas do Protestantismo Histórico, não se concretizaram como era esperado. A complexidade da sociedade moderna, a

centralização constante do papel econômico e político nas mãos dos setores mais privilegiados e a pauperização de grande parte da população, incluindo setores das classes médias, colocaram as igrejas num intrincado dilema de como construir uma pastoral significativa com esses setores intermediários das igrejas protestantes.

Na Igreja Católica também as mudanças no campo eclesial produziram conseqüências para

essa camada social: criou-se um certo vazio pastoral. A opção preferencial pelos pobres; o surgimento e o fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs); a pujança das pastorais sociais (terra, operária, indígena, criança, entre outras); o incentivo à luta pelos direitos humanos, e outros, simultâneos com o esvaziamento da Ação Católica, das pastorais universitárias e dos movimentos de intelectuais católicos, etc., também deixaram os setores médios católicos em situação de quase orfandade. É certo que surgiram diversos movimentos importantes nesse setor como o Movimento Familiar Cristão, a Renovação Cristã, os Cursilhos da Cristandade, entre vários, mas a tradicional classe média católica, que ainda frequenta as paróquias, ficou sem muitas oportunidades. Assim como no campo protestante, a opção pelos movimentos carismáticos atuais, atrai de forma crescente e acelerada segmentos significativos da comunidade católica.

Desafios e importância das classes médias

Todos concordam sobre as dificuldades em se traçar um perfil abrangente e uniforme desse setor da sociedade. Os conhecidos retratos que se desenhavam para a classe média tradicional, tanto no plano de valores como da sua base econômica de sustentação es-

Sob o ponto de vista político, as classes médias se apresentam divididas, oscilantes e contraditórias.

tão bastante desvanecidos. Afirma-se que esses setores estão em descenso, dando lugar ao surgimento de uma nova classe média, baseada especialmente no setor de serviços, que domina uma tecnologia avançada e se adapta ao chamado mundo moderno. Continua, entretanto, ostentando um caráter contraditório, oscilante, às vezes a favor das transformações sociais, aliada às lutas e direitos dos setores oprimidos, outras com posições reacionárias, egoísta, preocupada apenas em garantir os privilégios já conquistados, o que caracteriza certa atitude oportunista.

Também sob o ponto de vista político apresenta-se dividida e oscilante, o que evidencia seu caráter heterogêneo e contraditório.

É inegável, a importância das classes médias modernas na sociedade atual e nas igrejas. No nível das lutas sociais ela proporciona aos movimentos populares importantes elementos culturais, políticos, pedagógicos, técnicos, organizativos, etc. São os setores que exercem o importantíssimo papel de formadores da opinião pública, e que atuam, frequentemente

como caixa de ressonância das lutas sociais e políticas, dada a sua influência nos meios de comunicação de massa.

Essas classes médias modernas exercem um papel primordial no processo de criação cultural, com grande sensibilidade, difundindo novas questões para a sociedade, tais como as referentes à ecologia, às relações de gênero, às situações discriminatórias, à paz, à nova subjetividade, à afetividade e sexualidade, ao respeito pelo corpo, à construção de uma nova ética, à ampliação da perspectiva ecumênica, ao sentido da espiritualidade, etc. Introduzindo e debatendo essas questões, têm sido abaladas certas estruturas sociais já sedimentadas.

Também ganham relevância as classes médias modernas pela sua competência técnica, profissional e intelectual, pois com a possibilidade de acesso amplo às informações, ao uso de métodos novos de formação, ao domínio de uma tecnologia sofisticada vão-se constituindo no que se convencionou chamar de "inteligência" da sociedade.

Apesar de sua heterogeneidade, da sua conduta oscilante,

As classes médias modernas ganham relevância por sua competência técnica e intelectual.

de sua divisão, do seu acentuado espírito egoísta, não se pode negar o papel relevante que as classes médias têm desempenhado nas decisões políticas de nosso país nos últimos anos.

Uma pastoral necessária

No campo da pastoral torna-se cada vez mais evidente que vivemos momentos em que há uma impressionante sede pelo transcendente. A busca de respostas que ultrapassem a hegemonia da racionalidade e as certezas das ciências é de fácil constatação. O sucesso das propostas esotéricas, a aceitação da influência das forças cósmicas, a atração pelos cultos e filosofias orientais, a pujança de novas expressões religiosas, etc. vão indicando claramente que vivemos dias de fome de espiritualidade e de sede de Deus. Esses anseios e atitudes estão muito presentes nas classes médias modernas urbanas.

Diante da problemática tão atual e complexa, as igrejas na América Latina ainda não encontraram uma resposta pastoral capaz de atender a essas interpelações e expectativas de encontrar significado para a prática religiosa. Fica evidente a existência de um vazio pastoral para essas camadas da sociedade.

Clodovis Boff, conhecido teólogo católico, recentemente escreveu interessante artigo intitulado "Pastoral de Classe Mé-

A opção pelos pobres para os cristãos é um imperativo humano e evangélico, não conjuntural.

dia na Perspectiva da Libertação", no qual desenvolve reflexões estimulantes e sugestões indicadoras de possíveis trilhas para as igrejas e grupos ecumênicos participarem da construção de uma pastoral que atenda às possibilidades de uma ação pastoral conseqüente e significativa, para tantos cristãos dessa camada social.

O autor constata a existência, dentro da heterogeneidade das classes médias, de uma parcela considerável que se manifesta inquieta, insatisfeita, não só com a sua situação nas igrejas, mas com a forma de organização da sociedade. Estão em busca de um sentido para a sua prática social e política, assim como para a sua vida religiosa.

Clodovis parte do princípio de que a opção pelos pobres para os cristãos é um imperativo humano e evangélico, não de natureza conjuntural mas permanente. As classes médias não podem perder essa referência axial - os pobres - e concentrar-se sobre si mesmas. Isso não significa, entretanto, que elas passem a ser apenas um instrumento ou somente "pessoas - para os outros" e se excluam do ser "pessoas - para

si". Prossegue Clodovis: "A opção pelos pobres não sendo exclusiva, não absorve todo o interesse de quem quer que seja. Por isso permanecem de pé os problemas específicos de cada pessoa e grupo, os quais merecem um tratamento igualmente específico. Há efetivamente questões próprias ou pelo menos mais afins às classes médias, como sua função específica na sociedade e em sua mudança, suas preocupações maiores, especialmente as que concernem à modernidade, tecnologia, subjetividade, e assim por diante... Donde a necessidade de uma evangelização das pessoas das classes médias atender inclusive a essas questões".

Uma pastoral solidária

O desafio se apresenta na capacidade de se praticar uma ação pastoral que combine a solidariedade cristã com os oprimidos, nas suas mais diversas expressões, aliada à atenção às questões inerentes e próprias dessas camadas sociais. Não pode essa pastoral reduzir-se ao cultivo de experiências religiosas, nem esgotar-se em compromissos sociais. Não pode ser total e exclusivo serviço aos pobres, nem absoluta concentração nos problemas que as preocupam mais particularmente.

E há muitas formas concretas de realização dessa pas-



A ação pastoral deverá combinar a solidariedade cristã com os oprimidos, nas suas mais diversas expressões, com o engajamento nas suas lutas de libertação que reclamam mudanças estruturais - políticas, sociais e econômicas.

toral. Não será por falta de competência, de criatividade, de sensibilidade que esse propósito não possa tornar-se uma força positiva, tanto nas igrejas, como nas sociedades. Essas classes médias estão convidadas a produzir reflexões e propostas a tantos temas e questões novas que interpelam, não só a sociedade, mas as tradicionais formas de pastoral das igrejas.

Outra característica dessa pastoral é, necessariamente, uma perspectiva ecumênica. Não se pode pensar num plane-

jamento global para todas as igrejas. Isso é inviável e não exequível. As fundamentações eclesiológicas são distintas e não podem, absolutamente, ser desqualificadas. O inegável é que a problemática e as interações dessas classes são comuns, os seus questionamentos éticos são semelhantes e as suas perplexidades independem de particularismos religiosos. Aliás, a proposta ecumênica, tão rica e atual, está sempre aberta a refletir sobre o novo, que sempre se constitui em desafio.

@ Quais as responsabilidades das classes médias diante de tão grandes disparidades sociais? O que podem oferecer aos excluídos da sociedade?

Uma experiência: Rede de cristãos de classes médias

Sensibilizados por essas possibilidades pastorais não aproveitadas na sua plenitude, um grupo de cristãos, leigos e eclesiais, de diversas igrejas, organizações e movimentos, reuniu-se em Petrópolis, RJ, em junho de 1991 e março de 1992 para refletir sobre essa temática e buscar formas de incentivar e enriquecer práticas de pastorais para as classes médias. Resolveu-se que o caminho não seria a organização de uma nova instituição, nem atrelar a iniciativa a uma determinada igreja. Decidiu-se pela constituição de uma Rede, entendida como malha de interligação de grupos, pessoas e igrejas que se relacionariam e se comunicariam de forma horizontal, sem hierarquias ou subordinações. A Rede não possui uma representação oficial, nem interfere na autonomia dos seus membros. Em resumo, os objetivos e funções da Rede são: 1) Apoiar, fortalecer, trocar experiências entre igrejas, grupos, movimentos e organizações de perspectiva ecumênica, constituídos de membros pertencentes às classes médias e setores intermediários; 2) Integrar na Rede, aqueles que fizerem uma opção pela vida e vida abundante para

todos (cf. Jo 10.10), que lutam pela construção de uma sociedade livre, humana, justa e solidária; 3) Assegurar a autonomia dos membros da Rede, em suas naturezas e dinâmicas, estimulando a complementaridade de recursos humanos e materiais.

Assim foi criado um fórum, um espaço para os cristãos das classes médias do Brasil refletirem sobre suas experiências, avaliarem suas atividades e buscarem juntos, com liberdade, a ampliação e aprofundamento de uma prática pastoral libertadora para numerosas pessoas que anseiam por um significado maior para sua opção religiosa.

A Rede tem uma secretaria permanente, no "Centro Alceu de Amoroso Lima para a Liberdade", em Petrópolis, RJ, Rua Mosela, 289, CEP 25675-010, Tel.: (0242) 42- 6433 e edita um boletim mensal "REDE" que poderá ser enviado a todos os que se interessarem.

A busca de uma pastoral das classes médias está ganhando, portanto, consistência, rompendo preconceitos e enfrentando os desafios que o momento atual oferece a cristãos tão numerosos.

Livros recomendados

Amor e Casamento

Livro para noivos, editado pelo MFC para uso nos cursos de preparação ao casamento (18a. edição).

O Assunto é Casamento

Livro para uso de agentes de pastoral de preparação ao casamento, com ampla orientação sobre conteúdos e metodologias (8a. edição).

Ponto de Partida

Temário de reuniões de grupos de casais ou comunidades familiares, no início de uma caminhada em movimentos familiares (5a. edição).

Um Passo Adiante

Temário de formação para equipes de casais ou comunidades familiares, em etapa de aprofundamento em movimentos familiares (5a. edição).

Pés na Terra

Temário para revisão de vida e aprofundamento, em equipes de casais e comunidades familiares de movimentos de leigos.

Eis o MFC

Livro que define a identidade do MFC, seu ser, sua vida, sua ação, leitura necessária e apoio à capacitação de seus membros.



Edições MFC Movimento Familiar Cristão

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-031 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 222-5842